



“A escola como sempre sonhei”

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional apresentado com vista à obtenção do 2º Ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei 65/2018, de 16 de agosto e do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio.

Orientadora: Professora Doutora Paula Maria Leite Queirós

Paula Cristina dos Santos Campos

Porto, setembro 2022

Ficha de Catalogação

Campos, P.C.S. (2022). A escola como sempre sonhei. Porto: P. Campos Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, ENSINO, EDUCAÇÃO FÍSICA, APRENDIZAGEM, CRESCIMENTO, ATIVIDADE FÍSICA

Dedicatória

À minha professora primária, professora Natália Balsemão, aos meus pais, por estarem sempre presentes, pelo carinho, apoio, estímulos constantes e pelos ensinamentos que me deram e dão, ao longo da vida.

À minha filha Maria Miguel e ao Luís Miguel, por todo o tempo em que não lhes pude prestar a atenção devida.

Agradecimentos

No final de mais uma etapa vencida, é importante lembrar todos aqueles que contribuíram para a sua concretização. Neste sentido, gostaria de começar por agradecer a valiosa colaboração dos Professores do Mestrado, enquanto modelos profissionais e pessoais. O desenvolvimento da dissertação não teria sido possível sem os seus contributos, incentivos, desafios e acompanhamento.

À minha orientadora, Doutora Paula Queirós, pela sabedoria e tranquilidade, uma voz sensata e uma ajuda fundamental na concretização deste Projeto. À professora, pela sua disponibilidade, por me ter guiado e orientado com a máxima excelência, por todos os ensinamentos, encorajamento e sorrisos, aprendi a não desistir.

Aos meus colegas de mestrado.

Gostaria igualmente de agradecer à minha família, que constituiu o ponto de partida para todas as minhas aventuras e o porto seguro onde sempre me refugio após cada nova conquista. Ao meu pai, à minha mãe, às minhas irmãs, aos meus cunhados, aos meus sobrinhos, aos meus sogros, à minha madrinha Cecília Campos, aos meus afilhados Joana Barbosa e Nuno Santos, obrigado pelo apoio incondicional em mais uma viagem. Ao meu marido, estou grata pelo carinho e compreensão demonstrados ao longo destes longos meses, pelo estímulo à prossecução dos meus objetivos. À Maria Miguel, por ser a razão que me leva a querer saber mais, para fazer melhor em cada dia. Guiga, és o meu tesouro e orgulho.

A toda a minha restante família por me ter apoiado em tudo e acreditar em mim.

À Escola Dr. Flávio Gonçalves pela forma carinhosa com que me acolheu para iniciar e finalizar uma etapa tão importante da minha vida.

À Dra. Luísa Gomes, Diretora do agrupamento por me permitir ir em frente e sempre me apoiar nesta nova etapa.

Ao professor Jorge Castro Lopes, por ter sido uma enorme referência, por todos os ensinamentos, conhecimento e pela confiança depositada.

À minha turma de 9º ano que me permitiu ensinar e aprender, crescer e melhorar

enquanto pessoa e profissional.

A todos os professores da FADEUP que contribuíram para a minha formação académica e pessoal.

A todos os professores do Departamento de Educação Física e Educação Especial do Agrupamento Escolas Dr. Flávio Gonçalves, em especial à Helena Rosmaninho pelo apoio, ajuda e por ser a magnífica pessoa e profissional, obrigada.

Índice Geral

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	ix
Abstract.....	xi
Lista de Abreviaturas	xiii
1.Introdução.....	1
2. Enquadramento biográfico	3
2.1 Percurso profissional	5
2.2 Estágio profissional 1997	6
2.3 Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's)	8
2.4 Treinadora de Futsal	9
2.5 A Academia Olímpica de Portugal	9
2.6 A Administração Escolar e a Direção da Escola.....	10
3.Enquadramento e realização da prática profissional.....	10
3.1. Caracterização da Escola	20
3.2. A Direção de Turma	24
3.3. Papel da Adjunta da Direção.....	30
3.4. O grupo de Educação Física.....	32
3.5. Experiência Profissional <i>versus</i> PNEF	34
3.6. A Turma.....	35
3.7. Experiência Profissional <i>versus</i> Motivação dos alunos	36
4.Conclusão e perspetivas para o futuro	43
5. Bibliografia	47
6.Webgrafia.....	49

Resumo

O Estágio Profissional é uma etapa muito importante na vida do professor. Ele representa uma forma de ensino, sendo uma etapa de constante aprendizagem, quer a nível pessoal, quer profissional e social, tornando-se decisivo para o bom desempenho durante a carreira do docente. O estágio representa a última etapa alcançada neste meu longo percurso académico e pessoal e teve um papel fundamental na consolidação de todos os conhecimentos adquiridos durante a minha formação e durante a minha prática enquanto docente já em exercício. O docente, enquanto profissional empenhado interessado e motivado, deve, após analisar o contexto, os alunos e os objetivos delinear o melhor caminho a seguir, tentando sempre alcançar o sucesso do aluno e promovendo sempre as suas aprendizagens. Tal como refere Freire (2004, p. 573) “o ensino não é um processo linear de transmissão de conhecimentos, envolve o aprendente num processo ativo de aprendizagem”. O docente deve ter atenção a todos os aspetos importantes na sua planificação nomeadamente na organização e gestão de aula. Uma boa planificação pode influenciar não só o bom decorrer da aula, como também as aprendizagens realizadas pelos alunos. Nas aulas de educação física deve ter em conta o nível dos alunos, a motivação dos mesmos, o tempo de empenhamento motor real e requer do professor, controlo, gestão e resposta aos desempenhos dos alunos. O estágio revelou ser uma excelente oportunidade de aprendizagem, de promoção e aquisição, de desenvolvimento de competências profissionais e pessoais, de atitudes proativas na identificação e resolução de problemas pedagógicos, por forma a constituir o ponto de partida para uma futura integração num novo grupo de docência de Educação Física. Ao longo deste relatório relato as várias fases do meu percurso na escola, inicialmente como aluna e posteriormente como docente. Relato ainda todas as formações e cargos desempenhado profissionalmente. Ao olhar para todo este caminho percebo que a vida é um processo longo e admirável e que vale mesmo a pena viver.

PALAVRAS-CHAVE: ESTÁGIO PROFISSIONAL, ENSINO, EDUCAÇÃO FÍSICA, APRENDIZAGEM, CRESCIMENTO, ATIVIDADE FÍSICA

Abstract

The Professional Internship is a very important stage in the life of the teacher. It represents a great form of teaching, being a stage of constant learning both personally, professionally and socially, becoming decisive for good performance during the career of the teacher. The internship represents the last stage achieved in my long academic and personal career and played a key role in consolidating all the knowledge acquired during my training and during my practice as a practicing teacher. The teacher as a committed professional interested and motivated, should, after analyzing the context, students and objectives outline the best way forward, always trying to achieve student success and always promoting their learning. As mentioned Freire (2004, p. 573) "teaching is not a linear process of knowledge transmission, it involves the learner in an active learning process". Teachers should pay attention to all important aspects in their planning, especially in the organization and management of classes. Good planning can influence not only the good course of class, but also the learning made by students. In physical education classes should take into account the level of students, their motivation, the time of real motor commitment and requires the teacher, control, management and response to the performances of students. The internship proved to be an excellent opportunity for learning, promotion and acquisition, development of professional and personal skills, proactive attitudes in identifying and solving pedagogical problems, In order to constitute the starting point for a future integration in a new teaching group of Physical Education. Throughout this report I report the various phases of my career in school, initially as a student and later as a teacher. I also report all training and positions performed professionally. Looking at all this way I realize that life is a long and admirable process and that it is really worth living.

KEY WORDS: PROFESSIONAL INTERNSHIP, TEACHING, PHYSICAL EDUCATION, APPRENTICESHIP, GROWTH, PHYSICAL ACTIVITY

Lista de Abreviaturas

AEDFG – Agrupamento Escolas Dr. Flávio Gonçalves

ASE – Ação Social Escolar

CDE – Coordenador de Desporto Escolar

CEB – Ciclo Ensino Básico

DT – Diretor de Turma

GEF – Grupo de Educação Física

EF – Educação Física

EQ – Equipas educativas

E@D – Ensino à Distância

PAA – Plano Anual de Atividades

PC- Professor Cooperante

PE – Projeto Educativo

PEF – Programa de Educação Física

PNEF – Programas Nacionais de Educação Física

1. Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Estágio Profissional, do 2º ciclo de Estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ao longo da minha vida sempre desejei estudar e continuar os meus estudos, a escola sempre foi o lugar em que mais gostava de estar, o que devo à minha excelente professora primária que soube muito bem tratar dos seus pupilos e incutir neles o gosto pelo estudo. Via na minha professora o meu ídolo, a minha profissão.

Na verdade, quando olho para trás percebo nitidamente que o meu percurso de formação começou muito cedo, na casa dos meus pais, na primeira classe, na secundária, nas circunstâncias da vida (infância, adolescência, juventude), ou seja, antes de entrar no ensino superior. Na faculdade aprendi sobretudo a ser melhor, a fundamentar, aprendi conceitos que me permitem ter uma visão diferente. A ser melhor pessoa e melhor professora, a saber ver para além do ver, a ser melhor.

Desde o momento de entrada para a minha primeira instituição de ensino, Colégio das Teresianas- Santo Tirso, que a minha vontade era viver na escola. A educadora Joana¹ teve também um papel fulcral na minha educação enquanto ser pensante, pessoa e criança em crescimento. As atividades eram tão bem estruturadas que eu adorava fazê-las, desde a pintura com pincéis ou com a mão, até aos recortes de picotado ou aos bolos de terra. Era uma criança feliz. Gostava tanto da escola que quando a minha irmã ingressou no 1º ano do 1º CEB eu pedia-lhe todos os dias, para perguntar à professora Ana² se eu também podia ir para a escola. A escola cresceu comigo e eu cresci com a escola daí a minha vontade de ser professora e querer sempre aprender mais e mais e fazer os meus alunos felizes.

Este relatório reflete a minha experiência enquanto professora que passou por inúmeras escolas de referência no ensino em Portugal, nomeadamente a Escola da Ponte,

¹ Nome fictício

² Nome fictício

na Vila das Aves, Escola de Beiriz, na Póvoa de Varzim, Escola do Cerco no Porto e Escola Eça de Queirós em Lisboa. Quatro escolas todas elas com um ensino orientado para os alunos, mas com um modo de ensinar bastante diferente, mas com o mesmo objetivo: criar alunos felizes, pensantes e aptos para o mundo / vida. Tentarei ao longo deste relatório fazer uma reflexão sobre o meu percurso enquanto professora e pessoa, sobre o presente e o que me espera no futuro.

2. Enquadramento biográfico

Eu sou a Paula Cristina dos Santos Campos, nasci na maternidade do Hospital de V. N. Famalicão, mas o meu pai registou-me em S. Tome de Negrelos - Santo Tirso, terra natal de ambos os meus progenitores. Tenho mais duas irmãs que adoro e sou também casada. Ser mãe foi umas das melhores experiências da minha vida. Adoro ser mãe, esposa e acima de tudo professora.

Sempre estive ligada ao desporto e em 1998 fui selecionada para participar como voluntária da Academia Olímpica de Portugal, órgão do Comité Olímpico de Portugal para ser bolsista na Academia Olímpica Internacional – Olímpia Grécia.

De seguida tentarei explicar o meu percurso pessoal, profissional e a formação continuada.

Em 1994 iniciei a minha formação na Escola Superior de Educação do Porto, no curso de Professores do Ensino Básico Variante Educação Física. No ano letivo 1997 / 1998 fiz estágio integrado na Escola Básica de Moreira da Maia. Foi o meu primeiro grande desafio para a profissão que sempre quis, desde a minha infância, ser professora. Devo também referir que foi a minha segunda entrada no ensino superior. No ano anterior havia entrado em Engenharia Ambiental, mas o “bicho do desporto” não me largava. Os meus estudos no ensino secundário foram na área da saúde e não no curso de desporto. Foi uma decisão difícil, porque gostava imenso de biologia e também de desporto. Foi um ano trabalhoso, mas foi também o ano em que percebi que lecionar Educação Física era o que eu queria. Desde cedo, e apesar da parca oferta nas áreas de desporto que existia na aldeia, que os meus pais me ofereceram a prática desportiva. Era dada pela professora

Teresa³ numa grande garagem, onde se trabalhava muito ginástica desportiva e dança. Confesso que adorava aquelas aulas e segui os graus de progressão nesta modalidade, até ao dia em que disse aos meus pais que queria seguir música. Nessa época não era possível ter duas modalidades e optei, embora erradamente, pela música. Corrigi mais tarde esta má opção quando voltei ao desporto escolar e ingressei na equipa de Voleibol. Já nunca mais mudei, treinei muito para fazer os pré-requisitos para Educação Física e ao fim destes 23 anos de docência estou muito realizada como docente.

Mais tarde fui jogadora de futsal e resolvi depois tirar o curso de treinadora e de árbitro desta modalidade. Confesso que o papel de treinadora foi bem mais fácil de pôr em prática do que o de árbitra. Na função de árbitra de futsal ouvi e vivenciei tudo o que infelizmente a cultura desportiva do país revela, fraca e pouco evoluída. Até com escolta policial tive de sair de um pavilhão nos escalões de formação.

Como treinadora de futsal fui vice-campeã nacional na equipa Aviló Custóias. O meu orgulho nesta etapa da minha formação foi ter recebido o diploma de conclusão das mãos do Dr. Gilberto Madaíl, na altura Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, que se deslocou ao Porto para entregar os diplomas do 1º curso de treinadores de futsal ministrado no Associação Futebol do Porto.

Depois desta aventura de passagem pelo futsal, ingressei no ensino superior e tive de colocar de parte os treinos dos escalões de formação porque o foco era estudar.

Realizei uma pós-graduação em Administração Escolar (ESE _PORTO) uma pós-graduação em Educação Especial (Escola Superior de Educação Almeida Garrett), uma pós-graduação em Inspeção e Avaliação das Organizações Educativas (Instituto Bissaya Barreto), um Mestrado em Biocinética do Desenvolvimento (FCDEF _ COIMBRA) e um Mestrado em Atividade Física para a 3ª idade (FADE_UP, em conclusão), e ainda um Mestrado em Avaliação em Organizações Educativas e Administração Escolar que conclui na escola Superior de Educação do Porto.

Comecei a lecionar Educação Física, em 1998, na escola Básica de Rates, na Póvoa de Varzim. Contrariamente ao que havia acontecido no ano anterior que lecionei no 2º ciclo do ensino Básico, no primeiro ano tive que lecionar ao 3º ciclo. Não foi uma tarefa fácil e muitas vezes fui chamada à atenção porque alguns funcionários pensavam trata-se de uma aluna e não professora. Foi uma experiência fantástica e muito enriquecedora. Neste mesmo ano, fui também convidada a lecionar Expressão e Educação Físico Motora, integrada num programa inovador da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, que iniciara e cujo nome não podia estar mais correto: "De pequenino se torce o pepino". Foi o início do que agora podemos chamar Atividades de Enriquecimento Curricular.

Após ter tirado o curso de treinadora de futsal fui convidada para ser treinadora-adjunta do Clube Desportivo das Aves, onde aliás já lá tinha estado como jogadora e foi uma experiência muito enriquecedora. Fui treinadora de grandes atletas que hoje representam a seleção de Futsal Feminino. Como treinadora tive oportunidade de ver crescer esta modalidade e de contribuir para esse crescimento. Treinei depois outra equipa e fomos à final do campeonato nacional de futsal feminino tendo obtido um extraordinário 2º lugar, tendo ganho à muito experiente equipa do Benfica. Após esta passagem pelo Avilho achei que o futsal estava muito mal representado pelas equipas de arbitragem e resolvi aventurar-me nesse outro lado do desporto. Devo confessar que é muito difícil ajuizar uma situação em segundos, mas sempre primei pelos princípios do desporto e nunca prejudiquei qualquer clube ou atleta. Contudo, verifiquei que a maior parte das equipas técnicas, dirigentes e jogadores não sabiam as regras da modalidade em questão. Devo agradecer ao meu colega de equipa Paulo França que sempre colaborou e ajudou para que estivesse à altura deste cargo.

2.1 Percurso profissional

Após ter terminado o meu curso na ESE, ingressei logo como professora no Ministério da Educação. Na altura eram chamados os miniconcursos. Preenchíamos um boletim onde colocávamos nome e códigos das escolas e tínhamos de percorrer filas e km de espera para nos candidatar a escolas do distrito Porto, Braga e na altura Vila Real. Era o mais próximo de casa e era uma grande sorte Íamos sempre em grupo e enquanto umas colegas ficavam na fila outras preenchiam os boletins. Depois era aguardar as listas provisórias e

voltar a escolher o melhor distrito, a melhor colocação e anular os outros. Eram dias a levantar de madrugada e a deitar muito tarde. Todas controlávamos todos e sabíamos, em princípio, quais as escolas e em que poderíamos ser colocadas, com exceção dos horários que estavam pré-preparados para alguns professores, algo intuído e que realmente existia. Por vezes, uma colega escolhia um horário de 6 horas que rapidamente se tornava completo e outros mantinhamas 12 horas o ano inteiro. Não era um concurso justo, mas penso que agora também continua a não o ser.

2.2 Estágio profissional 1997

Em 1997 que realizei o meu primeiro estágio integrado no 2º ciclo na escola Básica Moreira da Maia, na Maia. A minha orientadora de Estágio era a professora Maria⁴ e era ‘um doce’, tanto como pessoa como profissionalmente. Devo-lhe alguns dos conceitos que aprendi na parte profissional. Com ela tive que assistir a reuniões de Conselho Turma, reuniões de Direção de turma e reuniões de grupo. Outros colegas em estágio não tiveram de passar por este processo. Na altura era muito complicado gerir os horários das aulas e da turma, mas olhando agora para trás, vejo que foi uma mais-valia. Na ESE não nos ensinam a ser diretores de turma, a gerir conflitos, a falar com os encarregados de educação e, neste ano de estágio, consegui aprender muitos conceitos e aprendi muito sobre o funcionamento da escola.

Outra história muito caricata deste estágio foi o meu colega, que durante os pré-requisitos na escola teve um acidente e não pode concluir o seu estágio. Mais uma vez, tive de comandar sozinha a turma que era de ambos. Na altura ainda se falava muito pouco de tecnologia. As pautas e outros documentos eram todos manuscritos, mas como a minha mãe tinha um computador “arcaico” consegui no MS Dos realizar as minhas planificações. Foi um sucesso, mas o mais importante de tudo foi mesmo pensar em todas as tarefas, aprender a planear, aprender a fazer planos de atividades e conseguir manter a turma no maior tempo à prática.

Uma boa organização tem sempre implícita uma planificação ajustada às circunstâncias reais da prática. A eficácia dos professores está assente num sistema de organização sólido. A planificação segundo Piéron (1999), ‘consiste sobretudo em prever uma série de atividades e relacionar fortemente com as necessidades dos alunos’, esta afirmação transmite a necessidade de organizar e gerir as tarefas de forma adequada.

Uma boa organização é propícia a melhores condições de aprendizagem, pois os professores devem também proporcionar um bom ensino e ocasiões de prática para alcançar os objetivos. A gestão de aula está diretamente ligada ao tempo de empenho motor, durante o qual o aluno coloca em prática as atividades físicas e representa o resultado de toda uma série de subtrações (Piéron, 1999). Desta forma diminuí os tempos de transição de tarefas, de organização e de comportamentos de desvio. Todos estes aspetos terão uma repercussão no clima de aula e no desempenho dos alunos pois uma organização eficaz propicia um clima favorável à aprendizagem. Este aspeto está inteiramente ligado com a minha prestação como professora, dado que o meu objetivo foi sempre motivar os alunos para a prática e assim possibilitar o seu sucesso. No Estágio reforcei o meu campo de visão de forma a conseguir visualizar todos os alunos, circulando sempre por fora das tarefas, evitando ficar de costas para os mesmos. Este foi um aspeto muito positivo, circulei sempre por fora das tarefas e com a preocupação de estar com o contacto visual dos alunos presente, eles sentiam-se mais controlados e empenhados.

O controlo visual da turma torna o controlo da aula muito mais fácil e eficaz, assim como a colocação da voz e os *feedbacks*. Tornar-me cada vez melhor profissional é um dos aspetos que acompanha o percurso profissional e pessoal de um professor.

Tal como refere Batista et. al (2014, p.69), o início da aprendizagem profissional é das fases mais importantes na carreira de um professor. A entrada no mundo do trabalho consubstancia uma etapa marcante na vida de qualquer pessoa. É sem sombra de dúvida uma marca indelével no ser humano. Ainda como referem as mesmas autoras esta etapa marca o ser, em continuar nesta profissão ou seguir um outro caminho “tem influência direta sobre a decisão de continuar ou não na profissão” (p.70).

Ainda falando desta etapa de iniciação à profissão, é importante referir que é neste momento que se aprende tudo sobre como ser professor, que criamos uma bagagem para iniciar a nossa vida profissional. Ponte *et al* (cit por Queirós, 2014) consideram que é a fase em que o jovem professor se encontra entregue a si próprio e é isto que na realidade acontece, tendo de construir formas de lidar com diferentes papéis profissionais, em condições variadas e inúmeras vezes muito adversas. Na realidade, a vida de estudante universitário não prepara o docente para esta realidade, a escola é ela própria um local de

aprendizagens de como ser professor. É um longo processo que nunca termina porque estamos em constante aprendizagem e constante modificação. Nóvoa (cit por Queirós, 2014) refere que a construção da identidade profissional de um professor é um processo complexo, mas que graças a cada um se apropria no sentido da sua história pessoal e profissional. Para o novo professor a construção que o mesmo tem da escola é do seu percurso enquanto estudante, no entanto, o outro lado da escola é um conjunto de atividades, cargos, funções diferentes do perspetivado.

Nos primeiros anos de professor, ensinar representa transmitir conhecimentos da forma que os nossos professores nos transmitiam. Atualmente é preciso mudar, é preciso alterar mentalidades, é preciso deixar as crianças brincar como o antigamente o faziam, é preciso sujarem as mãos, arranharem os joelhos e, mais do que tudo, serem crianças. Para o professor Carlos Neto “É preciso tirar as crianças do sofá”. Afirmo que é preciso haver a coragem de mudar o paradigma da “trilogia escola, comunidade e família”, porque, caso contrário, “o que hoje ensinamos na escola provavelmente não servirá paraquase nada”.

Segundo o mesmo autor é preciso brincar numa “dimensão de entidade física, portanto de dispêndio de energia, de poder acionar o corpo numa perspetiva ativa”. Tudo isto é muito importante para o crescimento mental, mas também na estruturação da linguagem e nas aquisições motoras e percetivas, fundamentais para o seu equilíbrio e a sua capacidade adaptativa, quer do ponto de vista escolar, quer também do ponto de vista da relação social, na relação com os amigos.

2.3 Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's)

Durantes alguns anos estive ligada às Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's). Comecei desde muito cedo a participar no projeto “de pequenino se torce o pepino” da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Foi um projeto desafiante que percorria todas as escolas do 1º ciclo do agrupamento de escolas de Rates. Todas as turmas do 1ºCEB tinham expressão e educação física motora e todas as escolas estavam apetrechadas com todo o material necessário para dar os quatro blocos que constavam no programa de Educação Físico Motora. Foi uma experiência muito enriquecedora e que me fez trabalhar e adaptar todosos conhecimentos a uma faixa etária muito diferente e muito desafiante.

Além das atividades físicas fui convidada a desenvolver várias atividades (danças) para as festas de Natal e final de ano a apresentar aos Encarregados de Educação.

2.4 Treinadora de Futsal

A vontade de me instruir e ser melhor levou-me a frequentar o primeiro curso de treinadores de futsal nível um, na Associação de Futebol do Porto. Na verdade, sempre gostei de jogar futebol e como na infância isso não foi permitido, quando cresci tive a oportunidade de representar um clube de futsal – o desportivo das águias (nome fictício). Era um grupo de boas amigas com um treinador e adjunto muito simpáticos, mas senti a necessidade de evoluir nessa modalidade.

Quando me inscrevi pensei que seria fácil, mas o conceito que o futebol era para homens ainda estava muito vincado e presente pois a percentagens de meninas a frequentar o curso era muito reduzida. Apesar disso, eram umas quartas e sextas-feiras muito diferentes, divertidas e animadas. O curso estava muito bem estruturado e foi um prazer frequentá-lo. Tive professores de qualidade excelente como o professor Leandro Massada, o professor José Soares entre outros. Fiz algumas amizades e o meu maior espanto foi receber o diploma das mãos do presidente da Federação Portuguesa de Futebol na altura. A parte incómoda de tudo foi a comunicação social em peso a recolher imagens e testemunhos.

2.5 A Academia Olímpica de Portugal

A minha ligação à Academia Olímpica de Portugal, um órgão do Comité Olímpico de Portugal, foi iniciada em 1996 quando uma docente da Escola Superior de Educação me propôs concorrer a um concurso. Achei a ideia pertinente e escrevi umas frases sobre o Barão Pierre de Coubertin e os Jogos Olímpicos da era moderna. Confesso que fiz um trabalho que não considerei muito bom. O que é certo, é que apesar de eu entender o trabalho de qualidade reduzida, o mesmo foi premiado e fui bolseira, primeiro na sessão para membros que decorreu em Mirandela, a seguir em Portimão e depois em Oliveira do Hospital. Por fim, fui para a Academia Olímpica Internacional em Olimpia. Em Olimpia, juntamente com outros membros de outros comités tive oportunidade de evoluir e de aprender mais sobre os jogos, sobre valores e sobre o desporto em geral.

Confesso que, a partir desse momento, tive consciência que o desporto sem valores nada vale e tento sempre passar os valores olímpicos aos meus alunos. Colaboro sempre com as atividades da Academia Olímpica e o Comité Olímpico no projeto “Escola Olímpica” incentivando os meus alunos a participar nas inúmeras atividades.

No ano passado, e com o lançamento do livro “os primeiros 30 anos” desde a primeira sessão para membros da Academia Olímpica, fui convidada a relatar o meu percurso enquanto membro e foi a oportunidade de conviver com atletas olímpicos da atualidade e já mais antigos. Foi uma honra e um prazer. Algumas das gravações foram feitas na FADEUP e foi um prazer.

2.6 A Administração Escolar e a Direção da Escola

Como sou muito curiosa, não consigo estar parada e gosto muito de estudar, resolvi inscrever-me na primeira pós-graduação que existiu na Escola Superior de Educação sobre Administração Escolar. Ainda não se falava muito do despacho sobre o diretor da escola, órgão unipessoal e com formação nesta área. Mais uma vez, fiz uma candidatura sem nunca imaginar que pudesse entrar. Para meu espanto fui selecionada e era a mais nova do curso, e com colegas todos eles com cargos nos órgãos de gestão na escola. Foi um curso difícil, muito trabalhoso e com aulas às quartas-feiras, sextas-feiras pós-laboral e sábados de manhã. Foi muito cansativo e difícil pois tinha uma bebé e estava colocada muito longe a dar aulas, sendo que as quartas e sextas ia direta para o curso, chegando a sair às 05:30 da manhã de casa e regressar à meia-noite. Enfim, foi mais uma aventura nesta minha caminhada de professora.

Foi uma grande aprendizagem, com colegas de curso extraordinários que me tratavam por caloiira. As disciplinas do curso foram muito boas e serviram para aprender mais sobre a escola e evoluir como professora. Confesso que ser professora é aprender um bocadinho todos os dias e dar tanto de nós. Foi também com este curso que fui evoluindo e construindo o meu ser pessoal e profissional.

3. Enquadramento e realização da prática profissional

A sociedade depara-se atualmente com desafios e mudanças que a educação tem de acompanhar e nós, enquanto professores, somos obrigados a intervir para melhorar as práticas e, conseqüentemente, o progresso das aprendizagens dos alunos, no sentido de lhes garantir o desenvolvimento de competências que permitam o sucesso escolar, a inclusão na escola e na sociedade.

O início deste momento de avaliação coincide com todo um conjunto de mudanças/adaptações da escola às novas circunstâncias: limitações impostas no combate à Pandemia, bem como, condicionalismos impostos pelas obras de requalificação da escola que limitam o espaço disponível para realização das atividades letivas. Assim, tendo em conta a situação pandémica vivida, as limitações impostas e as normas a cumprir colaborei com os colegas do meu grupo na preparação e organização das atividades letivas, na análise dos programas reformulando o necessário, prevendo as dificuldades e procurando soluções para as mesmas. Elaborei planificações a longo e médio prazo, competências gerais ano/ciclo, critérios gerais e específicos de avaliação e plano anual de atividades (PAA).

No corrente ano letivo (20/21), foram-me atribuídas 7 turmas de 5º ano e foram-me atribuídos 4 tempos de Desporto Escolar com grupo equipa de Badminton. No dia 15 de janeiro fui integrada na direção da escola tendo assumido o cargo de adjunta e a partir desse momento passei a ter apenas uma turma, o grupo equipa de Desporto Escolar e uma turma do 9ºano na qual estive também a lecionar, no sentido de dar cumprimento às exigências do Estágio Profissional no âmbito do mestrado do 2º ciclo em ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Fui assídua e pontual assegurando sempre e cumprindo integralmente todo o serviço que me foi distribuído. No início do ano letivo procedi a uma imediata avaliação dos alunos, através da avaliação diagnóstica e das informações que recebi dos DT. Planifiquei e organizei, com pleno conhecimento e respeito científico-pedagógico-didático, as atividades letivas de acordo com a planificação anual da disciplina, distribuição de espaços desportivos, as restrições impostas, a realidade de cada turma e avaliações diagnósticas realizadas. Tive em consideração o conhecimento prévio dos alunos de modo a favorecer aprendizagens significativas. A condição física foi trabalhada nas primeiras semanas no âmbito de recuperação e consolidação das aprendizagens, as restantes modalidades a abordar ficaram condicionadas devido à situação pandémica do Covid 19. Decidiu-se iniciar as aulas com atividades de aptidão física, incluindo os testes de condição física para aferir o nível inicial dos alunos. O trabalho em circuito, com alunos distribuídos por várias estações, com grupos de tamanho reduzido e ajustados ao espaço de atividade física. Os desportos coletivos, por promoverem maior proximidade,

passaram para segundo plano e foi dada mais importância a outras atividades físicas individuais. Ao longo do ano letivo e conforme se foi alterando a situação pandémica bem como as orientações impostas, o planeamento foi sendo ajustado. Assim, sempre que necessário, participei na discussão inerente às práticas letivas (planificações, critérios de avaliação, definição de estratégias, atividades) e na definição dos conteúdos nucleares da aprendizagem para a progressão dos alunos.

Todo o meu trabalho visou desenvolver além das competências previstas nas metas de aprendizagem, o gosto pela disciplina, a pesquisa, hábitos, método e rigor no trabalho, o espírito de observação, atitudes de solidariedade e de sociabilidade e a sensibilização para a importância do exercício físico como fator de melhoria da condição física e saúde. Diversifiquei os recursos/estratégias que pudessem ir ao encontro da faixa etária e da heterogeneidade dos alunos. Adequiei as estratégias à natureza dos conteúdos lecionados, bem como à idade dos alunos e ritmos de aprendizagem. Na abordagem dos conteúdos procurei despertá-los para situações do quotidiano, focando assuntos da atualidade e do seu interesse. Na transmissão e avaliação de conhecimentos procurei ser objetiva e utilizar o vocabulário mais adequado ao nível etário dos alunos, mantendo o rigor científico-pedagógico. Promovi o trabalho colaborativo, em que os mais avançados ajudaram os alunos com mais dificuldades, desenvolvendo o sentido de ajuda e de partilha de saber, no sentido de todos, individualmente e em grupo, obterem o sucesso. Explorei as suas motivações e interesses, de forma a tornar a aprendizagem mais fácil e apelativa, e valorizei pequenas e grandes vitórias. No segundo período a suspensão das aulas presenciais devido à Covid -19 obrigou a um novo reajustamento no planeamento e uma necessária adaptação, tão célere quanto possível, às novas condições que se impunham no processo de ensino/aprendizagem a ser realizado à distância (E@D) a partir de 8 de fevereiro de 2021. O trabalho, desenvolvido de forma síncrona e assíncrona, teve como objetivo, dentro das limitações impostas, dar continuidade ao processo de ensino/aprendizagem programado. Nas aulas assíncronas, o trabalho centrou-se na procura e desenvolvimento de materiais teórico/práticos das modalidades programadas. Desenvolvi materiais que possibilitassem aos alunos uma prática de exercício físico motivadora e adequada à sua idade. As tarefas tiveram como principal objetivo mantê-los ativos, proporcionar-lhes momentos de atividade prazerosos que ao mesmo tempo, contribuíssem para a manutenção da sua condição física e saúde mental.

Todo o trabalho teve em atenção o possível transferir para a execução das técnicas das modalidades abordadas neste 2º período. Os alunos foram recebendo semanalmente propostas de trabalho prático e as respetivas orientações de execução para uma realização o mais correto quanto possível. A parte prática foi alternada com um pequeno suporte teórico em PowerPoint das modalidades programadas para o 2º período. Como forma de avaliar a sua participação/realização foram-lhes colocados vários desafios, práticos e teóricos, aos quais os alunos corresponderam, no geral, de forma muito positiva. Estes possibilitaram-me uma avaliação da participação e realização das tarefas bem como de conhecimentos adquiridos pelos alunos. Os feedbacks recebidos relativamente às propostas de trabalho foram muito positivos. Procurei assegurar o envolvimento de todos os alunos, sem exceção, empenhando-me para que nenhum «desistisse» e/ou deixasse de participar de forma ativa na construção das suas aprendizagens por falta de meios, por dificuldades pessoais ou mesmo por questões de desmotivação/falta de interesse; dispus o meu tempo pessoal para todas as suas solicitações e procurei dar as respostas mais adequadas às dificuldades com que nos fomos deparando, sempre numa relação próxima e de permanente contacto com cada um dos Diretores de Turma. No terceiro período voltamos ao ensino presencial tendo-se reajustado/alterado a planificação de acordo com os condicionalismos, as limitações e o calendário escolar que foi alargado até dia 8 de julho.

Procurei incentivar todos os alunos para a prática desportiva alertando-os para os benefícios do frequente exercício físico na promoção de hábitos de vida saudável. Como professora do grupo equipa de Desporto escolar, comuniquei todas as informações, informei os Diretores de turma, ajudei os colegas, procurei criar uma harmonia entre todos os participantes e professores e tentei contribuir para o *fair play* e espírito Olímpico. Pretendi cumprir com sucesso o programa de aprendizagem previamente definido o que será traduzido no sucesso atingido pelos alunos. Considero que apesar de um ano letivo com muitas alterações e adaptações quer da minha parte quer da parte dos alunos, o trabalho desenvolvido foi bastante positivo.

Faço uma análise e um balanço muito positivo relativamente às atividades por mim desenvolvidas.

Numa consulta a textos sobre educação e sobre que homens se pretendem formar, Batista et al, (2014) falam sobre o que isso representa e colocam uma questão muito importante: “Que homem cumpre formar em cada homem?” sendo para as autoras o pilar essencial para quem tem por missão ensinar. No dicionário de língua portuguesa, ensinar significa ministrar algo a alguém, dar aulas. Para Bento, (2004) trata-se de um processo “eminente humanizador” o ato de ensinar.

Para Santos (1982, p.533), educar consiste em dar um mundo a alguém que não o tem, «imundando-o» e conferindo-lhe a possibilidade de construção do seu próprio mundo, possibilitando um mundo pré-existente e sobre existente à sua condição de humano na terra.

Neste ponto, Garcia et al, (2003, p.35) questionam este autor sobre como se possibilita à criança a criação desse mundo, que mundo lhes proporcionar?

Numa perspetiva pluridimensional da educação, o professor ou educador assume um papel fundamental na tarefa de proporcionar uma formação alargada – um «mundo» – e acompanhar o crescimento dos alunos rumo ao ser pessoa» (Patrício, 1996, p.115).

Para acompanhar este pensamento Patrício (2012) refere que não se educa uma planta ou um animal. O único ser vivo educável e sobre o qual se trabalha educativamente é o homem. O homem é o único ser que conhecemos que se trabalha a si mesmo sobre uma ideia de si mesmo para realizar em si essa ideia; o Homem valoriza, dá valor, ao modelo que norteia a sua educação, dá valor a esse projeto de si mesmo no futuro para o qual o encaminha o presente educacional, dá um valor a si mesmo que só pela educação se concretizará.

A educação, portanto, como coisa exclusivamente humana que é, só o é porque o Homem valoriza o Homem em que, através dela, educação, se quer converter – “O homem, é, pois, para si mesmo um valor. É o valor que reconhece ser que ele quer realizar com a educação.” Deste raciocínio, Patrício extrai uma clara e natural ilação: “A educação é valiosa porque é o meio de realizar o homem como valor.”

A questão fundamental que se coloca e que Batista et al. (2014), referem é: “o que pode o professor de Educação Física fazer para o processo de humanização”?

De seguida apresentam-se duas citações das autoras:

Para Lacerda (2002), o desporto constitui um intermediário cultural relevante,

capaz de iniciar o indivíduo na sociabilidade, na moralidade e na beleza, como finalidade da mais elevada educação, permitindo-lhe comportar-se de maneira livre e desinteressada ao assumir um novo modo de estar no mundo, que contempla os valores hedonísticos, estéticos, éticos, lógicos e práticos dos quais está impregnado. O desporto valoriza o que de mais humano existe em cada um de nós ser pessoa. No desporto o ser humano age de forma despreocupada e de desinteressada, estando de forma diferente que se está na sociedade.

Segundo Bento (2011), apesar de a investigação em desporto ter vindo a negligenciar os âmbitos da estética e da ética, por força da necessidade de construção de pilares científicos que priorizaram outros âmbitos de investigação, nomeadamente áreas mais relacionadas com as questões da saúde, olhar o desporto pela perspetiva estética e ética é um exercício de enorme pertinência, necessidade e aplicabilidade. Para este autor, “O desporto carece de perguntas que o interroguem fora da polarização do preto ou branco, do pró ou contra” (Bento, 1995, p.270).

Para Garcia et al (2003, p.38) o problema central da educação é o “problema de transmissão de cultura” e que a escola não poderá ficar indiferente. A escola como polo cultural inserida num local, onde tem uma identidade.

Coloca-se então para as autoras, as seguintes interrogações: Será a ética e a estética contempladas ao nível das competências a desenvolver nos níveis de ensino básico previstas no currículo nacional do ensino da Educação Física? Para tentar responder a estas questões as autoras elaboraram uma análise documental do currículo nacional do ensino básico, ao nível das competências gerais e específicas, quer na disciplina de Educação Física quer nas disciplinas inseridas na educação artística nomeadamente a Educação Musical, Educação Visual, Educação Dramática, Expressão física e motora

Como questões de partida para o estudo: “Quais os conteúdos curriculares da educação física em Portugal, ao nível das competências essenciais, que remetem para a educação estética e ética?; Qual a relevância que assumem no contexto do currículo global?; Que aspetos curriculares, ao nível das competências essenciais, estão presentes no currículo das disciplinas de educação artística e são passíveis de aplicação também na educação física?; Que outros aspetos específicos da educação física podem promover a educação estética e ética e que não se encontram atualmente no

currículo nacional?”

“Uma análise ao currículo nacional do ensino básico português, concretamente no que diz respeito às competências essenciais e objetivos a desenvolver através da educação física, imediatamente nos desperta para o destaque e relevo que a qualidade de vida, numa perspectiva de saúde, bem-estar, aptidão física, higiene e segurança, assume. No conjunto de finalidades estipuladas, como seria de esperar em função da especificidade da disciplina em questão, encontramos repetidamente referido o melhoramento da aptidão física pelo desenvolvimento das capacidades físicas, o desenvolvimento multilateral, a aprendizagem das diferentes atividades físicas com particular enfoque nas questões técnicas, táticas, regulamentares e organizativas, sendo desejável que todas as situações de aprendizagem proporcionem que “todos os alunos tenham o máximo tempo de atividade motora significativa e especificamente orientada para o alcance das competências.” (Ministério da Educação, 2011, p. 223).

No entanto, e procurando ultrapassar uma perspectiva exclusivamente tecnicista e higienista da educação física, que embora «física», por ser «educação», extrapola os limites do mero físico, continua a ser necessário que comecemos a olhar para o desporto enquanto “artefacto para a beleza e elevação do corpo, um espaço de criação e apresentação, de recepção e fruição de arte, quer como praticante, quer como espectador.” (Bento, 2007 p. 17). Para tal, há outras competências não menos relevantes a considerar no ensino da educação física, mas... que competências?

Após a análise ao currículo nacional de educação física encontramos competências e finalidades que expressam uns pontos comuns entre a estética e a ética. A busca da perfeição encontrar a superação, a transcendência das limitações próprias e procura da excelência e da perfeição, ainda que sempre mencionadas às diferentes possibilidades de cada aluno, como refere o currículo nacional do ensino básico (Ministério da Educação, 2011. Aliada à beleza da sua expressão, a perfeição/correção da realização desportiva, confere ao homem a possibilidade de inúmeros conhecimentos, colocando-o a descoberto e convidando-o a cultivar o que nele falta, numa busca estável de formas novas e superiores, mais bonitas e mais bem realizadas (Bento, 2004).

Podemos descobrir deste modo, na dimensão ética da educação, um campo de extrapolação da mera justiça desportiva regulamentar, do *fair-play*, da segurança e da higiene – principal tónica da ética do desporto referida no currículo nacional (Ministério

da Educação, 2011) - pelos valores de excelência, procura pela realização do bem desporto, pela superação e perfeição, pela transcendência. Do mesmo modo na dimensão estética, podemos encontrar uma extrapolação da mera aparência do gesto desportivo, associado apenas às atividades expressivas, encontrando na diversidade de atividades desportivas a desenvolver na escola, sentidos e significados tão profundos quanto subjetivos e singulares.

Para Sobrinho Simões (cit. por Maciel, 2008), uma das consequências negativas da globalização é a homogeneização das crianças através por exemplo da comunicação social e das brincadeiras cada vez mais pré-formatadas a que são submetidas.

“A questão da educação estética e da sua interface com a ética é densamente contemplada no currículo português de educação artística, ao nível das competências essenciais a desenvolver (Ministério da Educação, 2011).”

“As leituras dos primeiros parágrafos do capítulo das competências essenciais no currículo nacional do ensino básico de educação artística transparecem-no de modo evidente: “As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspetivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.”; “A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano. Desta forma contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento.”; “As artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social (...) (Ministério da Educação, 2011, p. 149).”

“De acordo com o programa nacional, as competências artísticas, e nós acrescentaríamos as competências desportivas, “São um território de prazer, um espaço de liberdade, de vivência lúdica (...) um terreno de partilha de sentimentos, emoções e conhecimentos (...) facilitam as interações sociais e culturais (...)” (Ministério da Educação, 2011, p.150).”

Não se pretende afirmar que a dimensão estética e ética na educação pelodesporto possui uma aplicação à imagem, ou semelhante, à da educação artística, mas, pelo contrário, que uma visão abrangente daquilo que pode ser a educação física enquanto

veículo de educação estética e ética, requer processos de investigação pluridisciplinares que extrapolem fronteiras individuais do objecto desportivo e permitam a comunicação entre as diferentes e importantes fontes de conhecimento e informação.

Nada do que é humano se deve
ignorar em educação. Manuel Ferreira Patrício (1993)

Enquanto professores e enquanto formadores de pessoas, começamos desde logo por nos interrogar sobre o que é ensinar, passamos depois por ser professores e de uma disciplina tão abrangente como é a educação física e terminamos a alertar para a forma como a ética e a estética são abordadas nas aulas e no currículo nacional no ensino básico. Começaria por referir o que nos diz o professor Rubem Alves que sugere que para ensinar uma criança a gostar de música não a colocaria a tocar um instrumento complicado, nem pautas nem claves, nem partituras. Começaria por ensiná-la a ouvir músicas lindas e belas, a educar o ouvido para depois lhe mostrar o que é a música. “Aí a criança encantada pela beleza daquela música a mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério das bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas apenas.” Porque as bolinhas pretas e cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical, a experiência tem de vir antes.” Segundo ainda este autor o “mundo de cada pessoa é muito pequeno”, e ao ensinar a ler escrever e contar estamos a contribuir para formar um ser num mundo maior.

Na educação, em especial na Educação Física, era bom que todos falássemos a mesma linguagem como refere Graça (2015). Refere ainda o mesmo autor que todos os profissionais deveriam remar num mesmo sentido e numa mesma direção. A Educação Física existe no currículo escolar porque tem valor é importante, é relevante, “pelo poder de aumentar a capacidade de compreender e agir no mundo, pelo seu contributo para o bem-estar e a realização das pessoas e melhoria da sociedade”, assim “como professores a nossa tarefa é carregar a pedra montanha acima e recomeçar quando ela rola montanha abaixo”. É importante que cada professor valorize a disciplina e considere o aluno em termos individuais dotando-o de ferramentas para que possa construir todo o seu ser.

Batista et al (2014), afirma que “recolocar a aprendizagem no centro da Educação Física poderá ser um caminho a seguir, fazer dela necessária e imprescindível”, e falar de

Educação Física é falar de ética e de estética.

Um dos principais objetivos da educação é de dar um mundo às crianças, pelo que “nada do que é humano se deve ignorar em educação” (Patrício, 1993).

Já o Barão Pierre de Coubertain nos primórdios dos jogos, falava de ética. Hoje, a mesma é contemplada no desporto e deve também o ser na escola, através dos valores olímpicos e dos valores do desporto preconizam. A ética é um sistema de valores que o nosso comportamento tem consequências nos outros e na sociedade que fazemos parte e ajudamos a criar.

Jorge Máximo, vereador do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa e na sua participação no simpósio de ética desportiva defendeu a ética como sendo um tema com importância crescente, “que cada vez mais se justifica abordar”, pois os exemplos do desporto são cada vez mais os exemplos da sociedade” Ainda o mesmo refere que os valores olímpicos são, “fundamentais para a procura de uma sociedade mais justa e mais unida” frisando que as questões da ética desportiva têm constituído uma preocupação constante no desporto.

Para José Manuel Constantino, presidente do Comité Olímpico de Portugal, há muitas vezes uma contradição entre “aquilo que se diz e o que se faz” em torno das questões da ética e é preciso “passar das palavras aos atos”. Para a ética, “não há um manual de instruções que se aplica em situações de risco”, diz. Para aquele dirigente desportivo é preciso que o desporto atual seja provido de causas e princípios, não através de um exercício retórico, mas através do exercício de “uma cidadania responsável” e em torno de valores que busquem uma sociedade mais justa e equilibrada.

José Manuel Constantino, verbera ainda “a banalização dos valores” e considera necessária uma “revisão reformista do desporto”, com o empenhamento de todos quantos estão envolvidos no fenómeno desportivo. Um “movimento reformista” que carece de apoio político, mas também “atitude, vontade e ação das organizações desportivas” em torno de valores sociais e não outros. Ou seja, o desporto e a Educação física são veículos importantes como forma a desenvolver e aplicar estes dois conceitos.

Alexandre Mestre, antigo secretário do desporto aquando da sua tomada de posse, e numa das suas primeiras intervenções referiu a importância da ética desportiva e salientou o espírito da iniciativa: “é um documento de todos nós, com vista ao fomento da cidadania e respeito, no que o desporto é paladino, sendo portador de valores humanísticos e

sentido ético, para além dos valores morais associados e que convergem para práticas multidisciplinares".

Referiu ainda que importa “sublinhar é que só apostando na valorização do positivo é que vamos mitigando o negativo: não podemos ignorar os flagelos e devemos todos, também através do plano ética, combatê-los, reprimi-los, dissuadi-los.

A ética, enquanto sistema de valores, ajuda-nos a tomar consciência de que não podemos viver de qualquer maneira, que na vida não vale tudo e que os nossos comportamentos têm consequências nos outros e na sociedade que ajudamos a criar. A mesma visão deve ser aplicada à prática de atividades físicas e desportivas. A Educação Física escolar, ao contemplar múltiplas atividades de referência desportiva, elogia também a pluralidade e multidimensionalidade destas práticas e dos conteúdos que são seu objeto de ensino-aprendizagem. Estes conteúdos, tal como exposto nos Programas Nacionais de Educação Física, vão além do desenvolvimento das qualidades físicas e das habilidades motoras e desportivas, orientando a intervenção do professor para a necessidade de desenvolvimento de outros aspetos mais relacionados com o indivíduo na sua globalidade, como sejam a educação para a saúde e a educação para valores.

Sendo a escola um local inserido numa comunidade, deve privilegiar esse mesmo local e trabalhar a cultura existente, deve trabalhar todos estes valores. A escola por si só não funciona isolada da comunidade da sociedade. Como refere Garcia, et al (2003) o desporto na sua função de microrganismo da sociedade, «há muito que se multiplicou em sentidos, permitindo outras atitudes se pluralizassem, sem nunca perder a sua essência. O desporto segundo estes autores convocou a estética, a construção corporal idealizada na beleza das formas, a procura de novas sensações corporais, o risco, o prazer, a beleza...” Vai daí a escola necessita de adequar a oferta de Educação física, diversificando-a. Referem ainda qual a distância que falta percorrer, como se de uma prova se tratasse, para enfatizar o valor da Educação física dos valores dos jovens que tanto enfatizam o valor da estética nas suas vidas? Quão longe está a escola?”

3.1. Caracterização da Escola

A escola na qual leciono e na qual realizei esta componente do Estágio Profissional, é o Agrupamento de Escolas Dr. Flávio Gonçalves. A escola situa-se na freguesia de Beiriz, Argivai e Póvoa de Beiriz. O Agrupamento de Escolas Dr. Flávio Gonçalves foi constituído no ano letivo 2003/2004.

A sede deste Agrupamento é a Escola Básica Dr. Flávio Gonçalves (2º e 3º ciclos), cujo nome se estendeu ao Agrupamento.

Esta designação foi escolhida pela comunidade educativa desta escola em homenagem ao historiador e homem de cultura poveiro, dotado de uma personalidade humana e intelectual, marcada por uma extrema paixão pelo trabalho científico, Flávio Armando da Costa Gonçalves (1929-1987).

O Agrupamento é constituído por cinco escolas: a escola sede, três escolas básicas do 1ºCEB (Escola de Nova, Escola de Sininhos e Escola do Desterro) e um Jardim de Infância (Dr. Luís Amaro).

Todas as escolas deste Agrupamento se encontram pouco distantes da escola sede. Situam-se todas na zona urbana, num raio inferior a um quilómetro.

O Projeto Educativo de Escola (PEE) pretende dar resposta às necessidades da comunidade educativa, procurando contribuir para a construção de uma Escola cada vez melhor. Nesta ótica, os princípios orientadores do PEE são: preservar a Identidade, investir na Qualidade e perspetivar o Futuro.

“Trata-se de um Projeto Educativo baseado na vontade e ambição de fazer mais e melhor, respondendo à multiplicidade de desafios que se colocam, com vista a promover o sucesso de todos os alunos, seguindo os princípios, valores, metas e objetivos que sempre nortearam o nosso Agrupamento, indo ao encontro do lema do nosso patrono “Não quero ser vulgar, não hei de ser vulgar” (Projeto Educativo da Escola).

Este Projeto visa ainda fortalecer o papel da Escola junto da comunidade onde se insere, estreitando relações entre a Escola e a Família. Queremos que o Projeto Educativo seja a ponte entre o que a Escola é e aquilo que se deseja que ela venha a ser: uma visão que a identifique e a concretização de uma missão para a qual está mandatada” Retirado do Projeto Educativo do Agrupamento (p. 4).

“Juntos construímos o Futuro”

“É nossa preocupação não só envolver esta instituição em práticas de cidadania, exercendo autonomia num ambiente determinado por normas, regras, direitos e deveres, mas também capacitar os nossos alunos, dotando-os não só de competências que respondam às exigências e às dinâmicas da sociedade atual como ainda educá-los para se

tornarem cidadãos autónomos, interventivos, competentes e responsáveis, capazes de construir e de lutar por um Futuro mais promissor.

O presente Projeto Educativo foi pensado, tendo por base as potencialidades e fragilidades diagnosticadas em momentos de reflexão e com vista à melhoria das práticas educativas e de uma crescente qualidade do serviço público prestado. A exequibilidade deste Projeto dependerá da capacidade de todos para ultrapassar constrangimentos, unir esforços e aceitar desafios.” (PEE)

No que diz respeito aos órgãos de gestão e administração da escola, os vários órgãos funcionam de acordo com os moldes do Decreto-Lei n.º 75/2008, como preconiza o PEE. Assim, a escola é constituída por um Conselho Geral, Diretora, Conselho Pedagógico e Conselho Serviços e Estruturas de Pedagógica. Relativamente a projetos e iniciativas, a escola procura criar condições para o desenvolvimento global dos alunos, através de ações que valorizem as suas aptidões e capacidades, comportamentos e atitudes propiciadoras da sua formação integral, promovendo diversos projetos de âmbito educativo como: Desporto Escolar (DE), Clube de Ciência, Clube Educação para a Saúde, Escola Mar Aul, Projecto Eco escola, Projecto A Camisola vem à escola. A escola desenvolve diversas atividades pedagógicas, como referido anteriormente, para dar resposta aos ritmos de aprendizagem diferenciado dos alunos. As coadjuvâncias, os grupos de homogeneidade, os apoios educativos são instrumentos que facultam a adequação das atividades educativas e do ensino às capacidades e diferentes ritmos de aprendizagem dos nossos alunos. A consolidação destas práticas, a monitorização dos resultados exige uma maior atenção por parte do agrupamento.

Em relação à comunidade discente, esta era composta por aproximadamente 1800 alunos, provenientes de ambientes socioeconómicos distintos, bem como a presença de várias nacionalidades, demonstrando a heterogeneidade multicultural e multilingue desta população. Atualmente estão em função 41 funcionários. Nos serviços de administração escolar, os funcionários integram diversos setores nomeadamente contabilidade, vencimentos e SASE. Os assistentes operacionais existentes nesta escola são responsáveis pelo acompanhamento dos alunos nos espaços de convívio, na biblioteca, no pavilhão

gimnodesportivo e em serviços como o bar, reprografia, cantina assim como nas reparações limpeza e outras. As estruturas de coordenação e supervisão pedagógica colaboram com o conselho pedagógico, no sentido de assegurar a coordenação, supervisão e acompanhamento das atividades escolares e promover o trabalho colaborativo, entre outras, englobando as seguintes áreas: articulação curricular, que engloba os sete departamentos curriculares, a oferta educativa, a avaliação referente aos diferentes intervenientes da comunidade (pessoal docente, pessoal não docente, alunos, avaliação interna da escola) e a formação, sendo esta do pessoal docente e não docente.

Relativamente aos alunos com necessidades educativas especiais e com a introdução decreto lei 54/2018, estabelece-se que os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa. Estes alunos, beneficiam de múltiplos apoios, quer dados por docentes de educação especial, quer por técnicos especializados de diferentes terapias, quer por apoio de instituições próximas e parceiras do agrupamento. Destacar a boa relação articulação entre docentes, técnicos e instituições assim como a psicóloga escolar. Todos os apoios são vistos como uma mais-valia e contribuem para o sucesso destes alunos.

O agrupamento tem protocolos com o MAPADI (Movimento de Apoio de Pais e Amigos do Diminuído) e o ensino articulado de música com 4 escolas diferentes.

Os vários cargos que desempenhei ao longo do meu percurso profissional foram todos aprendidos com a entrada nesse cargo no horário atribuído a mim no início de cada ano letivo. Nunca ninguém ensina um professor a ser diretor de turma, delegado de grupo, coordenador de desporto escolar ou simplesmente adjunto da Direção. Todos os cargos são de caráter obrigatório e com legislação que devemos e temos de cumprir.

Com a escola é para todos as estruturas pedagógicas diferentes, levaram ao nível organizacional diferente nomeadamente ao nível curricular, pedagógico e administrativo. Para Castro (1995, p.122), cabe ao diretor de turma o duplo papel de

professor e de interveniente direto e ativo na organização e estimulação na escola, facto que lhe atribui o lugar de ator principal na obtenção das finalidades educativas.

3.2. A Direção de Turma

O diretor de turma é um cargo intermédio de uma grande importância, sendo este professor que faz o papel entre a escola e a família e entre todos os conselhos de docentes. Promovendo o desenvolvimento pessoal e social dos alunos bem como a sua integração no grupo turma, no ambiente escolar e entre Comunidade e Encarregado de Educação. É um cargo de uma enorme importância, mas que nem sempre viu as suas competências valorizadas e as suas funções bem definidas. Atualmente, este cargo rege-se pelo despacho normativo nº 7/2005, de 5 janeiro de 2001 que responsabiliza o diretor de turma pelo processo individual do aluno bem como, melhoria das condições de aprendizagem dos alunos e tem a competência de dar conhecimento aos pais aquando da elaboração dos Planos de Acompanhamento Pedagógico.

O diretor de turma é, pois, o ator mais bem posicionado para promover a integração dos alunos e a aproximação das famílias à escola. O DT deve orientar os seus alunos na escola e em todo o processo de ensino/aprendizagem, trabalhando para o sucesso do aluno em articulação com todos os professores, família e comunidade.

Em Portugal a figura do diretor de turma tem sido colocada no centro do trabalho de coordenação pedagógica a desenvolver com os alunos para promover o sucesso educativo, tornando-se num líder pedagógico dos seus pares e interligando a escola e a família. É ele que orienta os alunos com dificuldades e os integra no Decreto-Lei 54/2018, da Educação Inclusiva.

Com a publicação do decreto-lei n.º 75/2008, de 22 de abril, que estipula que a figura do DT este é indicado pelo diretor da escola, mas os critérios a serem usados nesta função não estão definidos e clarificados. Refere apenas que deve ser um professor do conselho de turma e do quadro da escola, o que remete para esta, a definição de critérios pedagógicos para se proceder à designação do diretor de turma. O que por vezes acontece é que são dados estes cargos a docentes com pouca experiência profissional ou a docentes mais antigos de forma a complementar o horário e não gastar crédito letivo às escolas.

Quando isto acontece aos docentes que possuem pouca experiência enquanto professores, é o coordenador dos diretores de turma que tem um papel crucial no seu acompanhamento e orientação a nível pedagógico e organizativo. Entendo que deveriam existir mais oficinas de formação especializada ao nível da orientação educativa, quer para os papéis da escola, quer para diretores de forma a preparar ambos no desempenho do cargo.

O diretor de turma exerce o seu cargo junto dos alunos, dos professores e dos encarregados de educação. É ele o elo mais importante entre a escola, a família e toda a comunidade educativa. Roldão (1995) acrescenta que é ao nível dos alunos e dos encarregados de educação que essa atuação prevalece na prática sobre a ação junto dos professores. Sustenta que a ação junto dos docentes é crucial e não pode ser separada das restantes. Junto dos professores, desempenha uma função de coordenação e de articulação entre essa ação dos professores e os restantes atores envolvidos no processo educativo: os alunos e os encarregados de educação. Deste modo, ao exercer estas funções posiciona-se entre a função docente e a gestão. Por um lado, é um professor que coordena um grupo de docentes e é, simultaneamente, um elemento de gestão, a quem cabem responsabilidades na gestão global do conselho de turma a que preside (Roldão, 1995).

O conselho de turma é coordenado por um professor, o diretor de turma, a quem são atribuídas diversas competências: O diretor de turma (...) enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é particularmente responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem.

Zenha (2006, p.62) refere que “é fundamental que os professores, particularmente os diretores de turma, estejam conscientes dos riscos de distorção das mensagens pelos alunos e do papel positivo que eles podem desempenhar na comunicação entre a escola e a família”, e que desenvolvam estratégias para minimizar os primeiros e promover o segundo.

À função de diretor de turma está associado um conjunto de vertentes de atuação

de acordo com os diferentes interlocutores: alunos, professores e encarregados de educação. A atuação do diretor de turma junto dos alunos e encarregados de educação tende, na prática mais comum, a prevalecer sobre a ação junto dos professores que é, contudo, uma dimensão crucial deste cargo, que não pode, aliás, ser dissociada das restantes.

O regime jurídico que enquadra as atividades do diretor de turma, sem referir o seu perfil, atribui-lhe um papel relevante na gestão dos equilíbrios escola família/ comunidade.

Na afirmação de Marques (2002, p.15) “O Diretor de Turma é o eixo em torno do qual gira a relação educativa.” Diretor de turma é um professor que tem a seu cargo a coordenação de todos os professores da turma, a promoção do desenvolvimento pessoal e social dos alunos e sua integração no ambiente escolar, faz a ligação entre a escola e os encarregados de educação, bem como com a restante comunidade educativa. O diretor de turma desenvolve a sua ação funcional no inter relacionamento entre alunos, professores de turma, pais e comunidade, de forma articulada e de acordo com as orientações definidas no plano anual da escola.

Considero que a escola tem responsabilidades na aproximação e na abertura às famílias. Essa aproximação poderá ser feita por um dos professores da turma que, para além de lecionar a sua área específica, terá também o cargo de diretor de turma promovendo um clima favorável à aprendizagem e um conhecimento aprofundado e sistematizado das famílias dos alunos. Funcionará também como elo de ligação entre os professores do conselho de turma.

O diretor de turma faz uma análise da constituição da turma com a qual trabalha junto aos outros docentes, tratando e divulgando todos os pormenores de cada um, problemas como dificuldades na aprendizagem de conteúdos anteriores ou com a comunicação escrita, o que representa agilidade nas propostas e implementações de estratégias que visem contornar essas dificuldades.

Dessa forma, podemos dizer que esse profissional além de representar o conselho de professores da turma, serve também, como mediador, como fio condutor entre encarregados de educação e escola, desde a ação social a outros organismos de elevada

importância da vida escolar dos seus educandos. Para esse efeito tem marcado no seu horário letivo 2 tempos destinados a receber os Encarregados de Educação e trabalhar com eles tudo o necessário, seja justificação faltas, sejam planos de acompanhamento, seja outro assunto de caráter mais particular. Neste sentido, o diretor de turma, no início e final de cada período letivo, procura fazer reuniões no sentido de manter os encarregados de educação sempre informados e atualizados. Podem, no entanto, ser feitas outras reuniões extraordinárias sempre que as circunstâncias o exijam.

Finalmente, ser DT é por um lado, ser um docente que coordena um grupo de docentes e é, simultaneamente, um elemento do sistema de gestão da escola a quem cabem responsabilidades de caráter global do conselho de turma a que preside. Por tudo isso, o diretor de turma deve ter um perfil adequado a esse cargo e vivê-lo com a intensidade e responsabilidade que lhe é inerente, pois ser professor, mais do que uma profissão, é, também, uma vocação e uma missão.

Enquanto docente de Educação Física e fazendo parte de um universo de docentes, fui também escolhida para desempenhar o papel de diretora de turma. Desempenhei este cargo sempre com muito rigor e correção. Entendo que esta liderança intermédia na hierarquia das escolas representa o papel mais difícil de desempenhar. Enquanto diretores de turma temos de fazer a ligação entre a escola e a família e entre docentes e grupo turma. É por estes motivos um cargo muito difícil de desempenhar e com muitas tarefas a desenvolver. É o diretor de turma que possui todas as informações dos seus educandos e as transmite aos restantes elementos do conselho de turma, mas é também ele que ouvindo os Encarregados de Educação transmite essas informações aos docentes.

Tal como outro cargo na escola, o tempo disponível pelo ministério e o que realmente um docente gasta nesta função é manifestamente insuficiente. O diretor de turma é muitas vezes, pai, encarregado de educação, assistente social psicólogo entre outros.

No desempenho destas funções sem darmos conta vamos criando laços importantes e conhecendo seres humanos maravilhosos. E sem que nada o fizesse prever recebemos estes elogios que passo a citar:⁵ «*A família e a escola! Há cerca de um ano, no início das atividades letivas, conheci um Ser humano lindo! Era uma mulher morena, de olhos escuros e sorriso rasgado. A Paula era nortenha, professora e mãe, que o destino, de forma*

⁵ Carta escrita por uma Encarregada de Educação e autorizada a sua publicação para este fim

engenhosa, colocou no meu caminho num quadro, a princípio, infeliz e hostil».

«Recordo-me bem dessa tarde. Encontrava-me a trabalhar quando o telefone tocou. Não atendo todas as chamadas é certo, mas devolvo-as sempre. Contudo, tenho uma exceção, os meus filhos nunca esperam ... por eles interrompo tudo.

Em simultâneo decidi que no dia seguinte iria, também, falar com a diretora de turma e assim fiz».

São estas palavras e estes gestos pelo que vale a pena ser professora, mas é claro que nem tudo são facilidades por vezes temos que agir quer disciplinarmente quer superiormente e esses problemas tornam bem mais difícil esta relação. No entanto com esta Encarregada de Educação tudo foi resolvido a bem e solucionado o problema assim a mesma refere ainda:

“Quando cheguei à escola, logo pela manhã, fui recebida pela docente de educação física, que era a diretora de turma. A Senhora que tinha à minha frente revelava uma presença simpática e uma atitude espontânea e franca. Sentei-me e fui relatando os factos que já sabia de cor. Olhava-a e a confiança instalou-se, naturalmente. Senti-a verdadeiramente interessada e preocupada. Aos poucos comecei a sentir-me tranquila e calma. A conversa que tivemos pautou-se pela frontalidade, pela gentileza e pela cortesia e, depois, ainda houve espaço, para falarmos de uma paixão partilhada, o amor pelo desporto!

Ao final da manhã, quando abandonei a escola e regresssei ao trabalho estava tranquila e, curiosamente, durante o dia não pensei muito no episódio da escola, que tinha transformado as minhas últimas horas num lugar de sofrimento e angústia. Aquela docente, diretora de turma do meu filho, tinha-me devolvido a paz e a confiança que precisava. A confiança na escola que tinha regressado ao meu espírito eram créditos, totalmente, assacados à Paula Campos. Fez sabiamente e intuitivamente a ponte entre a escola e a família e geriu com inteligência e bom senso esse episódio, transformando um incidente grave num acontecimento para resolver e ultrapassar.”

Depois do caso que poderia ter-se tornado muito difícil, mas foi solucionado a Encarregada de Educação refere o seguinte: *“Ao fim da tarde, quando nos reunimos em casa para jantar vi o meu filho feliz ... como se nada se tivesse passado. Contou-me, então, que a DT, como ele chamava à diretora de turma, tinha falado com ele e que não receava qualquer retaliação por parte dos colegas agressores, porque estava protegido e não sentia qualquer apreensão. Lembrando-me do alerta que recebi na esquadra, pedi-lhe para nada esconder*

se mais algum episódio relacionado com as agressões acontecesse ... muitas vítimas, quer por medo, quer por vergonha, depois de serem sujeitas a episódios de violência, ocultam e calam os maus-tratos subsequentes.

Hoje, passado mais de um ano sobre os acontecimentos, penso muitas vezes na Paula e dou comigo a meditar na frase ... “nunca sabemos se o que nos sucede é, em definitivo, bom ou mau ...”

Quando me lembro desse tempo e reflito sobre o caso, à distância, reconheço-me grata por ter conhecido um Ser humano invulgar. A escola é um lugar por vezes inóspito, com realidades muito distintas e ambientes e quadros abundantemente singulares. As direções dos estabelecimentos estão distantes dos alunos e do seu existir no dia a dia. Fiquei convicta que são os docentes as pessoas melhor preparadas para lidar e cuidar destes assuntos e gerir estes conflitos ... e ainda bem que assim é! Não me resta qualquer dúvida que é a proximidade e o conhecimento que facilita os processos de gestão de conflitos.

«A escola, ao nível da direção, tratou este caso como “mais um” ... parecendo-me, a certa altura, que havia um certo interesse em encerrá-lo sem identificar e punir os responsáveis. Como mãe nunca permitiria que isso acontecesse. Era fundamental punir os responsáveis agressores para moldar-se o exemplo e, simultaneamente, valorizar a coragem das vítimas que denunciam esses atos. Felizmente, encontrei na DT do meu filho, a Paula Campos alguém que fez a diferença nesta equação, que deu alma e humanizou esta história. Soube lidar e gerir a situação, porque o fez com o coração.

Desafortunadamente, a Paula, por razões de saúde, deixou a escola em meados de março. Esteve na escola apenas cerca de seis meses! Tão pouco tempo ... e nesse pouco tempo deixou um rasto titânico e admirável no serviço prestado e uma saudade infinita.

A minha gratidão não tem medida! É eterna e infinita! A Paula impediu, sabiamente e generosamente, que fossem provocadas fraturas na autoestima do meu filho».

Esta é a escola ideal a escola que nós sonhamos quer sejamos professores quer sejamos pais ou encarregados de educação quer sejamos alunos. A escola, como um lugar onde se aprende, onde se brinca, onde as crianças são tratadas com respeito, onde os valores de cidadania estão presentes e onde se sentem seguros, protegidos e são felizes. A escola como eu sonhei é um lugar onde os alunos gostam de estar e aprender. É um lugar onde se sentem crianças

“A escola é um mundo de crianças e adolescentes, mas é também de adultos. E há assuntos que, naturalmente, nascem para ser tratados por adultos, sem prejuízo, evidentemente, de se ir garantindo a responsabilidade e autonomia das crianças, mas sempre com respeito pela sua maturidade.

«A Paula Campos esteve pouco tempo na escola e, curiosamente, quando penso nela, faz-me sempre lembrar uma frase:

“Não quero que notem a minha presença, mas que sintam a minha ausência” ...

.... e a Paula foi assim! Quase passou despercebida na escola, mas quando partiu e regressou ao norte, deixou um enorme vazio, que se estendeu, até hoje, aos nossos corações!»

São estes pequenos momentos e episódios que nos marcam e nos fazem prosseguir e querer fazer sempre mais. É bom ter momentos felizes no nosso local de trabalho e é bom poder espalhar sorrisos. Este é a minha escola de sonho!

3.3. Papel da Adjunta da Direção

Ser adjunta da direção é ter a responsabilidade de trabalho muitas horas sem ser ressarcido do cargo. É uma função de muita responsabilidade na gestão do agrupamento de escolas. Esta função foi determinada pelo Decreto-Lei nº 137/2012 de 02-07-2012, Republicação do Decreto-Lei n.º 75/2008, de 22 de abril - (a que se refere o artigo 8.º) e neste novo decreto pelo artigo 19º que refere no seu ponto um que o diretor é coadjuvado nas suas funções por um a três adjuntos, fixado o número em função da dimensão dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas e da complexidade e diversidade da sua oferta educativa, nomeadamente dos níveis e ciclos de ensino e das tipologias de cursos que leciona. Os critérios de fixação do número de adjuntos do diretor são estabelecidos por despacho do membro do Governo responsável pela área da educação.

Fui convidada pela diretora do agrupamento de escolas a fazer parte da sua equipa. Cargo que aceitei desde o início, mas que me fez alterar muitas coisas,

nomeadamente deixar de lecionar às seis turmas que tinha para passar a lecionar apenas uma. Deixei de ter horário fixo a cumprir na escola para passar a não ter horário e “quase dormir na escola”.

Neste momento sou responsável pela Equipa Multidisciplinar Apoio Educação Inclusiva (EMAEI) de Coordenadora do 1º Ciclo, pela plataforma do Sistema Interativo de Gestão de Recursos Humanos na Educação (Sigrhe) e também pelo e mail institucional. São muitas tarefas complicadas com muitas plataformas a preencher e muito pouco tempo para respirar.

Convém também referir que as escolas do 1º CEB são da responsabilidade da câmara e que torna ainda mais difícil toda esta gestão e acompanhamento. Além de coordenar o 1º CEB faço também parte do conselho de administração que é o órgão deliberativo em matéria administrativa e financeira da escola. Este órgão é composto pela diretora, que preside, neste caso por mim que sou ajunta e pela chefe dos serviços de administrativos. É um cargo de enorme responsabilidade, mas que para mim é orgulho porque sempre cresci no meio da contabilidade, números, contas haver e dever. É um gosto poder saber mais desta temática e poder aprender acerca da contabilidade orçamental pública. A qualidade de uma escola está na qualidade dos alunos/docentes que vai influenciar a sociedade, mas também na capacidade financeira que esse agrupamento tem. A gestão e a autonomia das escolas são muito importantes para se alocar recursos para melhorar práticas e procedimentos.

A visão da escola é feita cada vez mais como uma visão de organização de direção, gestão complexa com grandes plataformas para preencher, com concursos públicos para realizar com muitas tarefas, não só a parte pedagógica. Daí que cada vez mais, o diretor de um agrupamento necessitar de uma formação muito específica em finanças e gestão (recursos humanos, materiais e financeiros). Não tenho dúvidas que cada vez mais as escolas vão ter de se capacitar e dotar de outros meios nomeadamente jurídicos para responder às inúmeras solicitações diárias.

As escolas são hoje máquinas enormes que precisam de todas as engrenagens a funcionar para dar o melhor aos alunos/comunidade onde se insere. A comunidade escolar necessita de informação relativa a todas as despesas realizadas e estar consciente de todas as aplicações feitas em benefício do serviço público prestado. Para isso, o diretor apresenta

o relatório de contas ao conselho geral para aprovação considerando todas as fontes de financiamento, nomeadamente as verbas provenientes do orçamento Estado (OE), as receitas próprias do agrupamento (RP), as verbas do fundo social europeu (FSE), as verbas movimentadas no âmbito da Ação Social Escolar (ASE) e o orçamento de dotações com compensação em receita. Todos os dinheiros públicos que o agrupamento tem deve prestar contas daquilo em que o aplica e gasta.

A construção de uma sociedade mais justa exige o fortalecimento de uma escola pública forte que implica democratização, autonomia, valorização dos professores e demais intervenientes e uma excelente gestão. Tudo isto está dependente de um excelente diretor e quem com ele forma equipa.

A diretora da escola na qual trabalho, projetou uma estratégia de desenvolvimento do agrupamento onde exerce uma liderança humanizada, ajustada com a auscultação das lideranças intermédias e demais docentes, o que tem contribuído para um bom ambiente educativo. Deste modo, tem minorado algumas resistências fruto de mudanças organizacionais e de idade avançada do corpo docente, obrigando a uma nova identidade e uma cultura diferente de escola.

O agrupamento fomenta práticas de abertura à comunidade envolvente, que são exemplo as inúmeras parcerias e colaboração de e com entidades e instituições de natureza social, desportiva, de solidariedade, cultural cívica e de saúde. Os profissionais novos são apoiados e acompanhados pelas lideranças com o objetivo de se realizarem práticas colaborativas.

3.4. O grupo de Educação Física

O Grupo de Educação Física (GEF) encontra-se inserido no Departamento de Educação Física e Educação Especial. A organização deste agrupamento é constituída pelos diversos docentes das diferentes áreas, assim como dos diferentes anos letivos, desde o jardim de infância ao 3º ciclo. No que diz respeito ao GEF do AEDFG, este é composto por dez professores. Dos dez professores, um desempenha o cargo de coordenador do grupo/departamento, outro apresenta funções como delegado de instalações e outro desempenha a função de Coordenador do Desporto Escolar (CDE). Cargos com finalidades já por mim conhecidas, no caso do CDE, já desempenhado por 2 anos letivos e como DG um ano letivo. Relativamente à supervisão da atividade de estágio por parte do Professor

Cooperante de Estágio (PC), de destacar a disponibilidade (sendo fundamental para o meu sucesso), a experiência enquanto professor e orientador (com conhecimentos teóricos/práticos de grande nível) e a elevada competência enquanto professor/pessoa, o que constituiu uma mais-valia na partilha de conhecimento e na orientação das atividades de estágio. O PC disponibilizou-se sempre, alterando algumas vezes o seu horário em função do meu, (visto estar a dar aulas na escola), para que pudesse acompanhar da melhor forma todo o processo de estágio. A natureza das relações entre o formador e o formando é também um fator decisivo para que a Supervisão possa funcionar melhor. Isto acontece quando a relação (...) se caracteriza por um clima de confiança e expectativa positiva (Onofre, 1996). Há que referir também, o papel da orientadora da faculdade, que mostrou sempre disponível para partilhar conhecimento e sugestões, assim como, para me esclarecer dúvidas relativamente ao processo de estágio. O GEF é reconhecido no AEDFG pelo seu dinamismo, apresentando no PAA um número variado de atividades destinadas aos alunos (torneios de várias modalidades, corta-mato, escola a pedalar, entre outras). Outra característica inerente ao GEF é a existência de documentos próprios, tais como, Regulamento Interno (RI), Programa de Educação Física (PEF), Plano Anual de Atividades (PAA), nos quais é possível observar a intenção de se seguirem as orientações metodológicas sugeridas nos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF). A existência destes documentos reflete o trabalho que se tem desenvolvido nos últimos anos no grupo, no sentido de se construírem instrumentos comuns a todos os professores com vista à melhoria do processo de ensino-aprendizagem destes e, conseqüentemente, procurar garantir uma EF de qualidade. Estes documentos foram fundamentais para orientar e sustentar algumas decisões tomadas ao longo do estágio.

A escola dispõe de 3 espaços polivalentes, segundo os quais o grupo realiza o *roulement*. Todavia apesar de polivalentes, os espaços não permitem a abordagem de todas as matérias, presentes no currículo da disciplina. Como tal cada bloco de 100`+ 50' (distribuídos 2 vezes por semana), está associado a um desses espaços, o que permite que numa semana, cada professor tenha a possibilidade de passar por três espaços (Ginásio, Pavilhão e Exterior) e conseqüentemente abordar as matérias que considerar necessárias. Como um desses espaços é descoberto, existe uma sala junto ao pavilhão que permite lecionar aulas teóricas.

Com a reestruturação desenvolvida pelo Ministério da Educação e Ciência, da carga

horário disponível para a Educação Física, que passaria a ser definida pelas escolas dentro de uma “plafom de horas disponível”, esta escola definiu que a EF passaria a ter 2 blocos de 100’+ 50’ distribuídos semanalmente (exceto para as turmas de articulado de tem 50’ + 50’). No meu entendimento, estas turmas de ensino articulado são prejudicadas relativamente às outras. Como professora de 2º ciclo trabalhei sempre com blocos de 50’+100’m, nas aulas de 50` e sinto falta de tempo para realização de todas as tarefas propostas. Deste modo a planificação sofreu alterações de forma a distribuir as matérias em aula e a quantidade de exercícios.

No que diz respeito à avaliação da disciplina de EF, o GEF atribui a seguinte ponderação a cada uma das áreas: Domínio Psicomotor (70%), Domínio Cognitivo (10%) e Domínio Atitudes e valor (20%), tal como se encontra nos critérios de avaliação de EF. Ainda assim, considero que as ponderações adaptadas e atribuídas no AEDFG, poderiam contemplar uma ponderação mais expressiva no domínio psicomotor, devido ao caráter eminentemente prático da nossa disciplina e no sentido de beneficiar e nunca de prejudicar os alunos. Diretamente relacionado com GEF encontra-se o DE, que se apresenta como uma atividade de complemento curricular, voluntária, que deve dar resposta às motivações e necessidades dos alunos, facilitando e estimulando o seu acesso às diferentes práticas desportivas. “A visão do desporto escolar é que todos os alunos do sistema educativo praticam regularmente atividades físicas e desportivas, tendo como missão estimular a prática da atividade física e da formação desportiva como meio de promoção do sucesso dos alunos, de estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa. A atividade desportiva desenvolvida ao nível do Desporto Escolar põe em jogo potencialidades físicas e psicológicas, que contribuem para o desenvolvimento global dos jovens, sendo um espaço privilegiado para fomentar hábitos saudáveis, competências sociais e valores morais, de entre os quais se destacam: responsabilidade, espírito de equipa, disciplina, tolerância, perseverança, humanismo, verdade, respeito, solidariedade, dedicação e coragem. Ministério da Educação, 2022).

3.5. Experiência Profissional *versus* PNEF

Como professora de 2º ciclo desde o ano de 1998, adquiri um conjunto de experiências escolares muito variadas: 15 escolas diferentes em 24 anos de trabalho. Fui assegurando

e verificando, que existem ainda várias gerações de professores que não aplicam o PNEF, alguns deles por desconhecimento e outros pela disparidade das condições de trabalho. A constante adaptação a diferentes condições de trabalho, através de uma gestão dos programas, tem permitido encontrar as soluções adequadas e adaptadas a cada realidade. Todavia, verifica-se igualmente uma enorme disparidade do currículo dos alunos, e na forma de distribuir o conteúdo de cada matéria, pelos três níveis: introdutório, elementar e avançado. O que pode ter vindo a dificultar a coerência no percurso de desenvolvimento dos alunos ao longo da sua escolaridade. No AEDFG essa adequação foi desenvolvida de forma coerente e respeitando os objetivos de cada nível a avaliar. Como a escola já possui estagiários há vários anos, o processo foi desenvolvido de forma gradual e com aplicação real. No final deste procedimento de estágio, reconheço em mim uma capacidade maior de diagnosticar os alunos de forma mais coesa tendo sempre por base os objetivos definidos no PNEF e nos documentos adaptados pelo GEF no agrupamento. Enquanto futura professora dos vários ciclos de ensino (1º,2º,3º e Secundário), irei aplicar sempre de forma mais segura os conhecimentos que adquiri com o estágio, assim como os que aprendi na faculdade e terei com certeza uma maior capacidade de desenvolver os diferentes conteúdos nas turmas.

3.6. A Turma

A turma na qual realizei o estágio profissional era uma turma do terceiro ciclo do ensino básico uma vez que para lecionar ao grupo 620, o Ministério da Educação assim o exige, cumprindo todos os requisitos na lei. Apesar de ser profissionalizada no grupo 260 raramente lecionei a estes níveis de ensino daí ser importante ter esta experiência de lecionação a alunos mais velhos e com outras perspetivas das disciplinas e da escola.

A turma do 9º ano era composta por 20 alunos, dos quais 7 do género feminino e 13 do género masculino, os alunos tinham idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos de idade. Não existia na turma nenhum aluno com Necessidades Educativas Especiais. Na aula de apresentação foram apresentadas e reforçadas as regras e conduta na disciplina de EF.

É de salientar um pequeno grupo de alunos que esteve sempre disponível e empenhado, independentemente da matéria. Verificou-se, de uma forma geral, que a turma apresenta

um nível elevado na generalidade das matérias. Se compararmos com o Programa da Escola para a Educação Física no 9º ano, verificamos que a maioria dos alunos se encontrava acima do nível esperado para ter sucesso no 9º ano. Importante referir que a Póvoa é uma cidade virada para o desporto onde desde muito jovem se tem a possibilidade da prática de diferentes modalidades. Depois desta constatação, todas as matérias abordadas neste ano letivo foram prioritárias. Relativamente aos ritmos de aprendizagem, verificou-se que o empenho esteve diretamente ligado ao potencial de aprendizagem dos alunos, isto é, verificou-se que os alunos mais empenhados e com vontade de aprender, foram os que apresentaram uma evolução mais notável, mesmo nas matérias que menos gostavam ou dominavam.

3.7. Experiência Profissional versus Motivação dos alunos

“Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante” Paulo Freire

Tal com refere o grande pedagogo Paulo Freire, educar é dar sentido a tudo o que construímos no ser aluno, homens em devir em cada momento que estamos com eles. É transmitir conhecimentos, mas também ensiná-los a ser e fazer. É fazer com que os alunos tenham motivação e tenham gosto para aprender e estar na escola. Ora, o que tenho verificado, nestes anos da profissão docente e após troca de impressões entre professores de educação física/treinadores, é que existe uma motivação diferente entre os alunos do 2ºCiclo e os alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico/Secundário pela prática de educação física, verificando nos primeiros um comportamento de maior motivação. Nesta turma do 9º ano esta motivação ainda era muito elevada talvez pelo facto de alguns alunos serem praticantes federados de algumas modalidades. A cada dia que passa os alunos descobrem, fora do ambiente escolar, as novas tecnologias. Têm a internet, diferentes jogos, tipo PSPs, etc, assim como novas fontes de informações e, com isso, passam cada vez mais tempo fechados nos seus espaços, quer fora quer nas suas próprias casas. Uma consequência desta forte ligação ao mundo virtual foi deixarem de parte as brincadeiras de rua e os jogos lúdicos tradicionais, ou seja, qualquer tipo de prática de exercício físico. Desta forma, talvez possamos afirmar que tais comportamentos influenciam, diretamente, a motivação de crianças e adolescentes para colaborar e, ao mesmo tempo, participar ativamente nas aulas de Educação Física na escola. Todavia, a

motivação, o encorajamento e o *feed back* positivo torna-se um elemento fundamental no rendimento educativo. O aluno sente-se interessado quando a atividade/exercício o leva a conhecer-se melhor, a experimentar-se e a afirmar-se. Também a motivação deve basear-se no estabelecimento de objetivos claros e precisos, proporcionando uma sensação de êxito e confiança pelo conhecimento dos seus progressos (Costa, 2012). Todavia, penso que não é suficiente conhecer os fatores que influenciam a motivação dos jovens. É necessário sim, ter depois a capacidade de saber decidir o que fazer com eles, pelo que, só depois de conhecermos o porquê é que conseguimos ser eficazes como professores. O professor precisa de ser portador do conhecimento científico-pedagógico, conteúdo e matéria, ter presente o desenvolvimento dos alunos, alicerçado à capacidade de adaptar esse conhecimento aos diferentes contextos, diferentes turmas, diferentes alunos (Bento,1989).

No estágio a turma que lecionei estava muito motivada intrinsecamente e superou as minhas expectativas. Tentei sempre utilizar procedimentos de acompanhamento ativo da atividade de aprendizagem dos alunos, nomeadamente ao nível de estratégias de observação /diagnóstico e formas de feedback pedagógico diversificado, alcançando elevados níveis de empenhamento e motivação dos alunos na aprendizagem.

Como professora dos vários ciclos de ensino (1º,2º,3º e Secundário), ao planificar terei um cuidado especial com as modalidades e as matérias a abordar tendo sempre em atenção as diferentes faixas etárias dos meus alunos. Pensar que possuem diferentes formas de motivação consoante o ciclo de ensino em que estão inseridos. Rocha (2009) diz que a motivação é um fator essencial para que ocorra a aprendizagem e para que os alunos frequentem as aulas de EF. É elementar para o sucesso do processo ensino/aprendizagem e pela formação pessoal, que haja motivação, não adianta o professor levar para as aulas “bolas novas”, ou seja, diferentes materiais didáticos, não adianta a escola ter um ginásio todo “*xpto*”, uma piscina ou um coberto, se o aluno não se sentir motivado intrinsecamente a usá-lo e a partir daí, participar e permanecer nas práticas desportivas. É importante levar o aluno a gostar da prática do exercício, costume muitas vezes dizer “hoje não gostas amanhã estarás a pagar para fazer exercício físico”.

Cada um de nós, enquanto docentes de educação física tem a noção de uma boa

intervenção ao nível da didática no ensino. Segundo Carreira da Costa (1996), estamos perante uma questão que mobiliza, por um lado, a nossa conceção de EF, as finalidades que lhe atribuímos, e a nossa opinião sobre o que deve ser ensinado e aprendido na Escola, e que influencia, por outro lado, a forma como valorizamos as práticas educativas.

Este autor sublinha, precisamente, o facto do entendimento que cada um de nós tem sobre o que é uma adequada intervenção didática e um ensino de qualidade em Educação Física, decorrer de duas dimensões importantes: Conceção de Educação Física e o que deveser ensinado e aprendido na Escola.

As práticas de ensino nas escolas são influenciadas pela orientação filosófica que cada um tem de Educação Física. Como refere Formosinho (2008, p.6), a massificação da escola portuguesa nas últimas décadas do século XX comporta transformações quantitativas e transformações qualitativas, acabando por deixar a descoberto a inadequação das suas estruturas organizacionais para dar resposta aos novos problemas que nela se manifestam e às novas finalidades que lhe são conferidas.” Refere ainda o mesmo autor que com as introduções de diferentes alterações curriculares veio demonstrar as algumas fragilidades da escola para se transformar por causa da legislação em vigor e, por outro, a “capacidade de sobrevivência do modelo escolar assente na pedagogia transmissiva e servido por um corpo de profissionais socializado numa cultura de ensino individualista”. O que este autor constata é que os professores são seres capazes de trabalhar com os pares, em equipa e numa organização que potencie as escolas e os agrupamentos, sugerindo um modelo de equipas educativas para potenciar a diversidade de concretizações na organização e gestão intermédia da escola.

O processo de ensino traduz-se num processo de permanente adaptação, a fatores extrínsecos com influências quer ao nível das ações materializadas, como no suporte cognitivo que as fundamenta. Não sendo a intervenção do professor na sala de aula uma consequência exclusiva das decisões de planificação, mas também produto de rotinas, teorias pessoais e experiências vividas, modeladas pelas características cognitivo-afetivas, psicomotoras e sociais do professor e das circunstâncias da sala de aula. Contudo, as decisões pelo seu valor preditivo ocupam um lugar de destaque para o desenrolar da atividade de ensino. Outro dos aspetos a que se atribui o sucesso ou o insucesso da

condução do processo de ensino, é ao fator motivação (Rocha, 2009).

Durante o meu estágio dei grande atenção aos aspetos que são fulcrais para garantir um processo de ensino aprendizagem equilibrado, coerente e que responda às reais necessidades dos alunos. Todavia, nesse percurso, adequiei/transformei os defeitos/dogmas da minha experiência enquanto professora de 2º ciclo há 22 anos. Adquiri novos conhecimentos, como o socorrer um aluno, como dar uma aula de badminton, como refletir o que posso melhorar nas minhas práticas, fazer sempre uma reflexão final do positivo e do negativo, pôr-me a pensar, a abordagem de diferentes modalidades de forma diferente, aplicação de fichas diagnósticas, o ensino personalizado e individualizado, o tempo de permanência na tarefa entre outros, enquanto professora estagiária, que no futuro, enquanto professora de Educação Física de todos os ciclos de ensino, representarão uma mais valia.

Posso ainda assim, afirmar que o sucesso do ensino depende em grande parte da convergência desenvolvida entre as intenções de aprendizagem (objetivos pedagógicos), as intenções dos alunos (aprendizagem), do professor (ensino) e da capacidade de perceber a motivação para a prática desportiva (projetar o futuro). Desta forma o professor ao orientar e organizar o seu trabalho deve contemplar a promoção de um clima divertido e positivo, com situações de interesse dos alunos, favorecendo desta forma todo o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o com certeza mais eficaz.

Por um lado, o melhor período para aprendizagem motora e enriquecimento do vocabulário motor está compreendido entre os 9-10 e 12-13 anos (correspondente ao 5º, 6º e 7º ano). A fácil aquisição de movimentos é proporcionada por uma relação de equilíbrio da atividade nervosa entre os processos de excitação e inibição. Poderei assim, deste modo, afirmar que o crescimento e desenvolvimento do ser humano realiza-se por etapas e têm como pressuposto leis biológicas precisas. É um processo por ciclo, apresentando uma caracterização específica em cada um. E ao transferir esta premissa para os ciclos de ensino que leciono/lecionarei, justifico as várias formas de investimento/motivação dos alunos do 2º, 3º ciclo e secundário.

No que toca às questões sobre o estatuto da disciplina de EF, os alunos assumem uma postura positiva. Alguns estudos referem que apesar dos alunos, cuja classificação de

Educação Física conta para a média, apresentarem maior percepção de satisfação das necessidades psicológicas básicas, também apresentam valores mais elevados de regulação interna.

Segundo Rocha (2009), existe uma série de recursos metodológicos que podem estimular a motivação, são eles:- as necessidades e interesses dos alunos devem estar de acordo com a seleção dos conteúdos; para os alunos participarem ativamente, é importante estabelecer conteúdos de fácil compreensão para alcançá-los quer ao nível do grupo, quer individualmente; o conhecimento dos progressos, o elogio do trabalho efetuado; a emissão de feedback motivacionais de forma a manter a motivação/empenhamento motor em níveis elevados; revelar a importância dos conteúdos na valorização do seu trabalho e descoberta da sua utilidade na vida real; e criar um ambiente positivo para a aula de educação física, que pode ser decisivo no êxito do professor.

No momento da “chegada” à escola, realizei uma análise detalhada de todos os documentos internos, ficando assim a par dos princípios, finalidades e metas que neles se encontram definidos. Este conhecimento da realidade escolar é fundamental para que qualquer professor desenvolva, em colaboração com os restantes elementos do GEF, um trabalho que respeite tais princípios, finalidades e metas. Considero que a realização desta atividade/tarefa no início do ano letivo contribuiu para compreender, globalmente, as normas da escola em que estamos inseridos, bem como, serve de guia inicial ou ponto de partida para o início da preparação do ano letivo.

Esta realidade não foi uma novidade para mim, sendo que como professora contratada já lecionei em diferentes instituições de ensino. Outra das atividades/tarefas indispensáveis a ser realizada no início do ano letivo, prendeu-se com a caracterização da turma que nos é designada.

Ao planear, avaliar e conduzir há que considerar os seguintes elementos-chave: os objetivos, os alunos, os conteúdos, os recursos e as estratégias, que de acordo como forem geridos, vão influenciar, positiva ou negativamente, o processo de ensino-aprendizagem. O GEF realiza no início do ano letivo a avaliação diagnóstica onde se realizam 5 testes de

condição física do programa Fitescola), depois mediante a planificação do grupo iniciam as modalidades e os jogos de pequena organização. A avaliação deve ser um processo que visa verificar as mudanças operadas em relação ao comportamento inicial. A avaliação formativa é uma recolha de informação, que tem como pressupostos a inclusão de todos os alunos no ensino a que têm direito, e a diferenciação das aprendizagens de acordo com o nível em que os alunos se encontram. Assim, aparecem como objetivos gerais desta avaliação, três verbos que nos dizem muito sobre as ações a executar, que são: diagnosticar, prognosticar e projetar.

A avaliação deve ser feita em todas as matérias a lecionar ao longo do ano letivo; avaliar o nível inicial dos alunos e as suas possibilidades de desenvolvimento no conjunto das matérias; recolher dados para orientar a formação de grupos de nível dentro da turma; ensinar ou consolidar rotinas de organização e normas de funcionamento; criar um bom clima de aula; identificar matérias prioritárias e aspetos críticos do seu desenvolvimento; recolher dados para definir prioridades de desenvolvimento para a primeira etapa; identificar alunos cujas características indiquem necessidades específicas; recolher dados para, em conjunto com os outros professores do grupo, estabelecer metas específicas para o ano e aferir conhecimentos. Tendo isto como base, desenvolvi um planeamento para cada período do ano letivo, adequado às características específicas quer dos recursos temporais quer dos recursos materiais.

Na avaliação foram utilizadas grelhas de registo construídas pelo agrupamento e em uso nos diferentes departamentos curriculares. Esses critérios foram selecionados pelos Conselho Pedagógico tendo em conta as indicações do Ministério da Educação.

Todos os “dados” recolhidos durante esta fase, permitiram desenvolver o diagnóstico/prognóstico de avaliação de cada aluno.

Tal como refere Queirós (2014), o início da carreira de um docente é “uma fase tão importante quanto difícil”, com características muito próprias com experiências vividas com muitas emoções e entusiasmo, mas sobretudo com muitos receios e ansiedades. Existe nesta fase um conjunto de aprendizagem e de situações que não ocorrem enquanto estudante. Assim, ainda como refere a autora, a aprendizagem da carreira docente não se inicia no início da carreira, mas vai-se contruindo ao longo da docência. É muito interessante o professor que ao ser aluno reflete nas suas práticas o que não quer que

aconteceu consigo enquanto aluno, distâncias dos maus exemplos de professores que teve. Ser professor é captar a atenção é aprender todos os dias, é evoluir é ser uma pessoaé aprender com a profissão.

“Não existo. Começo a conhecer-me. Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram ou metade desse intervalo, porque também há vida. Sou isso, enfim (...)”
Álvaro de Campos

4. Conclusão e perspectivas para o futuro

A profissionalidade docente está intimamente ligada à construção do interior de uma pessoa que é o professor. O professor através do conhecimento que possui, e a forma como ensina, vai adquirindo uma cultura profissional na qual ser professor é compreender os diferentes sentidos da instituição escolar, é preciso integrar-se e aprender com os mais experientes, além disso é preciso ter práticas reflexivas em que se reflete sobre o trabalho desenvolvido os erros e a avaliação para melhorar e avançar na profissão. É necessário também os professores terem tato pedagógico, terem capacidade de se relacionarem, de comunicarem entre si. Ensinamos aquilo que somos, dando tanto de nós e recebendo de tudo o que nos rodeia, principalmente dos alunos. Educar é permitir ao aluno ultrapassar barreiras e atingir metas com valores com diversidade cultural, formar para fazer, ser e pensar. O Ensino hoje é uma forma de interação social.

Para Formosinho (2008) a massificação da escola portuguesa nas últimas décadas do século XX suporta muitas transformações quer quantitativas quer qualitativas, acabando “por deixar a descoberto a inadequação das suas estruturas organizacionais para dar resposta aos novos problemas que nela se manifestam e às novas finalidades que lhe são conferidas.”. É importante a escola modificar-se enquanto estrutura inserida na sociedade, não só fazer a alteração dos seus currículos, mas adaptar-se à nova era das tecnologias. Os professores, como vimos nesta era de pandemia são seres capazes de se alterarem de alterar praticas, é necessário a escola não deixar escapar estas oportunidades para evoluir e para crescer, adaptando as suas convicções as novas mudanças tecnológicas. Cada vez mais é necessário formar equipas de trabalho, partilhar saberes, trabalho em grupo em

coadjuvação. Cada vez mais a escola necessita de criar grupos de trabalho para dar respostas a cada vez mais solicitações por parte da tutela. Só trabalhando em prol de um bem comum, a escola pode ter sucesso.

Para mim, ser professora, é poder trabalhar com os meus pares num bem comum, a aprendizagem dos meus alunos. Um professor de EF com qualidade é aquele que é um especialista, possui um conhecimento científico e pedagógico profundo, atua de forma crítica e reflexiva, respeita os aspetos éticos e morais, quer sempre melhorar a sua atuação e foca-se no desenvolvimento harmonioso, eclético e multilateral dos alunos potencia a aquisição de um estilo de vida saudável ao longo da vida.

Cada vez mais necessitamos de jovens ativos e a EF proporciona momentos de alegria e êxtase que nenhuma outra disciplina do currículo pode dar. Esta formação foi uma mais-valia, pois aprendi novos conceitos, atualizei outros, transformei-me como pessoa e profissional. É claro que a minha formação inicial e experiência me influenciaram em algumas decisões, fizeram-me sentir mais segura em algumas situações, mas também em outras situações tive de me questionar e duvidar, principalmente naquelas que eu entendia serem as mais acertadas antes de frequentar este mestrado. Tendo assim, um constante conflito e necessidade de querer saber sempre mais.

A oportunidade de trabalhar em equipa e o diálogo entre todos foi determinante para mim, principalmente quando me transmitia de forma gradual essa capacidade para refletir de forma crítica. É importante sermos capazes de usar estratégias e recursos próprios que nos levem progressivamente a ser observadores reflexivos, participantes reflexivos e prático-reflexivos. O Estágio Profissional e a elaboração deste relatório tornaram-me mais responsável, deram-me um olhar mais cuidado para a realidade e fizeram-me refletir de forma crítica e fundamentada. Feste processo fez, por outras palavras, com que crescesse bastante como pessoa e, sobretudo, como futura profissional num novo grupo de recrutamento. Penso que como docente, já com um longo percurso, nem sempre olhamos e modificamos práticas, mas ao voltar à escola (faculdade) pude verificar algum entendimento erróneo de conceitos que não eram de todo uma mais-valia para a aprendizagem, e daí, mudar comportamentos e atitudes, mudar modos de ensinar e estar muito mais atenta e recetiva. Daí ser importante cada docente participar em formações, colóquios, etc., pois faz com que estejamos sempre em reciclagem, em aprendizagem. Esta caminhada ensinou-me a reformular, a pensar, mexeu comigo. No final desta longa

caminhada considero que estágio profissional foi uma experiência única, marcante e determinante para a aquisição de competências profissionais e pessoais, assim como para mudar a visão que tinha relativamente ao 'Ser professora de Educação Física'.

Esta é escola que sonhei.

5. Bibliografia

Batista, P., Queirós, P. (2015). (Re) colocar a aprendizagem no centro da Educação Física in *Desafios renovados para a aprendizagem em Educação Física* (Eds. Ramiro Rolim, Paula Batista e Paula Queirós). FADEUP, 29-43.

Bento, J. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*, Livros Horizonte, 2ª Edição.

Bento, J. (2008). *Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor – Auto-retrato*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.

Behets, D. (2001). Value Orientations of Physical Education Preservice and Inservice Teachers. *Journal of Teaching in Physical Education*, 20, 144-154.

Brás, J. & Monteiro, J. (1998). A importância do Grupo para o desenvolvimento da Educação Física. *Horizonte*. XV (86).

Carreiro da Costa, F. (1996). Formação de Professores: Objetivos, conteúdos e estratégias. In F. Carreiro da Costa, L. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz, J. & C. Pestana (Eds.), *Formação de Professores em Educação Física. Concepções, investigação, prática*. Lisboa: Edições FMH.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10 / 11, 135-151.

Costa, J. (2012). *Manual Jogo Limpo - Educação Física 7º, 8º e 9º ano*, Porto Editora

Formosinho, J., Machado, J. (2008). Currículo e organização as equipas educativas como modelo de organização pedagógica In Universidade do Minho. Acedido a 08/08/2022 www.curriculosemfronteiras.org 5 Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.5-16, Jan/Jun 2008 ISSN 1645-1384 Desporto à Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana

Onofre, M. (1996). A supervisão Pedagógica no Contexto da Formação Didáctica em Educação Física E. FMH (Ed.) *Formação de Professores de Educação Física. Concepções, Investigação, Prática* (pp. 75-118).

Queirós, P. (2014). Da Formação à profissão: o lugar do estágio profissional. In *O Estágio Profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física* (Eds. Paula Batista, Amândio Graça e Paula Queirós). FADEUP. 68-83.

Rocha, C. (2009). A Motivação de Adolescentes do Ensino Fundamental Para a Prática da Educação Física Escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana

6. Webgrafia

. Retirado do site do desporto escolar em [Visão, Missão e Valores | Desporto Escolar \(mec.pt\)](#) acedido a 07/08/2022.